WATOHOLI

EXPERIÊNCIA DE UNIÃO EM FORMA DE ASSOCIAÇÃO

OPAN
OPERAÇÃO AMAZÔNIA NATIVA

Foto: Paulo Porto/OPAN

WATOHOLI

EXPERIÊNCIA DE UNIÃO EM FORMA DE ASSOCIAÇÃO

Organização: **ANDRÉ LUÍS LOPES NEVES**

OPERAÇÃO AMAZÔNIA NATIVA – OPAN
Mato Grosso. Brasil. 2015

Organização
André Luís Lopes Neves

Edição
Artema Lima, Andreia Fanzeres e Mel Mendes

Coordenação executiva da OPAN
Ivar Luiz Vendruscolo Busatto
Lola Campos Rebollar
Rochele Fiorini

Programa Mato Grosso / Bacia do Juruena
Coordenação: **Artema Lima**
Catiúscia Custódio de Souza
Fabiano Rodrigues da Matta
Luana Fowler Fatori
Mel Mendes
Victor Amaral Costa

Revisão
Ivar Luiz Vendruscolo Busatto

Desenhos
João Paulo Kaioli

Foto de capa
Paulo Porto / OPAN

Projeto gráfico
Marina Lutfi / Cacumbu

Colaboração
Andrea Jakubaszko
Catiúscia Custódio de Souza
Clacilda Atusi Myky
Cleonice Nasi Irantxe
Elias Xinuli
Fabiano Rodrigues da Matta
Giovani Tapurá
Luana Fowler Fatori
Maria Carolina Moraes
Rochele Fiorini
Victor Amaral Costa

ISBN 978-85-67133-16-4

OPERAÇÃO AMAZÔNIA NATIVA
Av. Ipiranga, 97 Bairro Goiabeiras, Cuiabá - MT Brasil CEP: 78032-035
Telefone: 55 (65) 3322-2980 / FAX: 55 (65) 3322-4161
www. amazonianativa.org.br

Este livro é dedicado ao finado **Silvio Xinuli**, presidente da Associação Watoholi entre os anos de 2010 e 2011.

"Ele era um jovem ainda, acho que tem que ficar registrado no livro o trabalho que ele fez, uma homenagem para ele também. Todas essas coisas que a gente tem hoje foram coisas que nós conseguimos na presidência do Silvio: carro, material para a associação, computador, internet, e muita coisa mais. Ele era uma pessoa bem paciente para trabalhar com a gente. Tudo que a gente precisava, ele ajudava, sempre nos dando apoio".

Marina Leucinda Kamulu

9 **PREFÁCIO**

13 **PARA COMEÇO DE CONVERSA: O QUE É ESTE LIVRO?**

17 **UM POUCO SOBRE A ORIGEM DAS ASSOCIAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL**

23 **O ENVOLVIMENTO DA OPAN COM A ASSOCIAÇÃO WATOHOLI**

29 **A WATOHOLI E SEUS VÁRIOS PROJETOS**

30 A ORIGEM DA WATOHOLI
32 O PONTAPÉ DO PDPI
34 O ICMS ECOLÓGICO
36 A LAVOURA MECANIZADA
40 PLANOS BÁSICOS AMBIENTAIS
42 O PONTO DE CULTURA
46 O FUNDO DE PEQUENOS PROJETOS DO BERÇO DAS ÁGUAS

53 **COMO SE ESTRUTURAVA A WATOHOLI NO OUTONO DE 2015?**

61 **DESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO**

69 **"PUXANDO A FRENTE": A RELAÇÃO DOS DIRIGENTES DA WATOHOLI COM OS TIKÃTAS**

77 **A WATOHOLI E AS COMUNIDADES QUE REPRESENTA**

85 **A POLÍTICA INTERNA E A QUESTÃO DAS "TURMAS"**

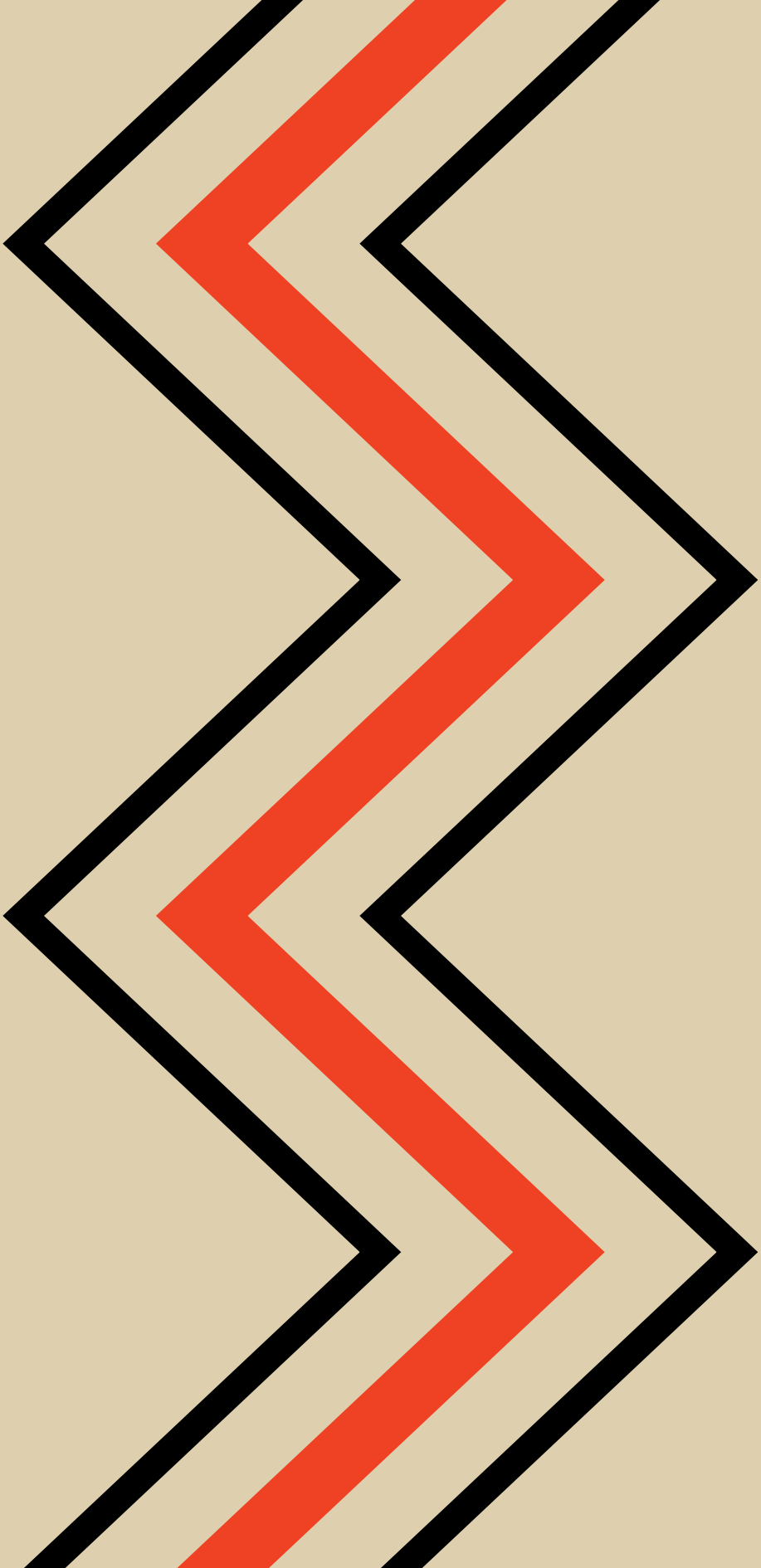
91 **UMA NOVA EXPERIÊNCIA NO HORIZONTE: A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES**

97 **ALGUNS DESAFIOS DA ASSOCIAÇÃO**

105 **PARA A GURIZADA QUE VEM AÍ: COMO DEVE SER O BOM TRABALHO?**

113 **COMO A ASSOCIAÇÃO CONTRIBUIU PARA A FORMAÇÃO DOS JOVENS?**

123 **OS ENTREVISTADOS DESTE LIVRO**



PREFÁCIO

PARA OS POVOS INDÍGENAS a gestão territorial se traduz em um "plano de vida para o futuro do povo e do território indígena". Em muitos lugares, as associações indígenas estão se tornando instrumentos institucionais que viabilizam ações para a reflexão e efetivação do bem viver desses povos. Contudo, dessas associações demandam a apropriação de diversas ferramentas de gestão e de capacitação administrativa e organizacional para que os indígenas concretizem esses planos.

Diante desse novo contexto, a OPAN considera estratégica a realização de um conjunto de ações no campo da formação política e de gestão, com metodologias específicas para as associações indígenas e grupos de mulheres visando a condução de seus projetos de futuro e segurança de seus territórios. Um dos eixos de atuação da OPAN é o fortalecimento das organizações indígenas, que se desdobra em ações que vão desde o apoio à formação e articulação política e realização de rituais, encontros e intercâmbios entre os diferentes povos, até aos processos de aprendizagem em gestão de projetos, legislação e direitos indígenas. Tudo isso pretende facilitar o acesso a ferramentas que permitam uma maior autonomia dos povos na implementação de seus Planos de Gestão, bem como na captação de recursos para a resolução de questões que demandam algum tipo de apoio externo.

No plano político, a participação feminina encontra expressões e espaços no interior das aldeias e também fora delas, assim como nas associações. A OPAN, em todo o seu histórico de atuação, tem apoiado a participação das mulheres em diversos encontros e formações, contribuindo para o protagonismo feminino. Um exemplo é na estruturação do grupo de coletoras de sementes do povo

Xavante de Marãiwatsédé, um instrumento de fortalecimento da organização feminina que ainda possibilita a geração de renda através de uma atividade sustentável, que ganha, cada vez mais, destaque regional.

Nossa parceria com a Associação Watoholi, que representa o povo Manoki, de Mato Grosso, tem mais de uma década. Nesse período, em muitos sentidos, realizamos ações pioneiras, tanto com os indígenas, quanto com a instituição, em uma relação de desafios e aprendizados constantes. Para os cursos de formação de gestores promovidos pela OPAN entre 2011 e 2015, por exemplo, a escolha de conteúdos se baseou em pesquisas de diferentes editais, de diversas agências financiadoras, tanto públicas quanto privadas, nacionais e estrangeiras, que apoiam projetos de garantia e acesso aos direitos coletivos e de gênero.

O método de aprendizagem-experiencial foi privilegiado nesse processo por propor ciclos marcados pela resolução prática dos problemas vividos pelos Manoki. Enquanto eles adquiriam novos conhecimentos, também iam vivenciando a solução dos mesmos. Dessa forma, tendo sempre em mente proporcionar um aprendizado efetivo, a OPAN realizou etapas de aulas teóricas intercaladas por etapas de dispersão. Essas últimas não se restringiram a momentos pontuais, mas consistiram em acompanhar, inicialmente, a totalidade das atividades relacionadas ao Fundo de Pequenos Projetos (FPP) até que os próprios Manoki se sentissem à vontade para tocarem os projetos sozinhos. Mesmo nesse segundo momento a OPAN realizava um constante monitoramento e avaliação dos projetos, junto com os indígenas, para identificação e resolução de problemas durante todo o processo.

Essas e outras ações que serão mais bem detalhadas e discutidas no decorrer desta publicação, a partir do ponto de vista dos Manoki, refletem o compromisso da OPAN com o fortalecimento da autonomia dos povos e os seus projetos de futuro.

Darci constrói um telhado de guariroba na aldeia Cravari.
Foto: Sérgio Lobato / OPAN, 2006.

PARA COMEÇO DE CONVERSA: O QUE É ESTE LIVRO?

ESTE LIVRO SURGIU do desejo de várias pessoas em querer registrar a história das atividades da Associação Watoholi, representante legal do povo indígena Manoki, e facilitar a transmissão e a divulgação dos conhecimentos e práticas acumulados nesta experiência de organização. Algumas lideranças Manoki já vinham pedindo há bastante tempo para que a OPAN auxiliasse as comunidades nas mudanças de diretoria da Watoholi e investisse em sua formação. Esta publicação, portanto, é parte desse esforço em organizar um material que possa ajudar na reflexão e no aprendizado de pessoas interessadas no assunto, sobretudo aquelas que no futuro farão parte das diretorias da associação. Por isso, este livro foi feito para ser o mais direto possível, apesar dos assuntos dos quais ele trata serem bem complicados!

A trajetória da Watoholi é interessante para outras comunidades que trilham este modo de se organizar. Em seus mais de 22 anos, essa associação viveu períodos de abundância de projetos, de diversidade de apoios, de mobilização e também desafios e aprendizados. Desta forma, este livro também pode interessar não só aos indígenas em geral, mas aos próprios indigenistas.

"Watoholi – experiência de união em forma de associação" é composto a partir de entrevistas individuais que narram diferentes pontos de vista em relação às diversas gestões desta organização. Escolhemos algumas pessoas prestigiadas em suas comunidades, seja por seu papel de liderança, pela intensa participação em atividades coletivas ou por suas opiniões reconhecidamente influentes. Apenas realizamos introduções aos temas tratados e selecionamos falas dos próprios Manoki para que contassem diretamente ao leitor o que têm a dizer. Essas falas compõem uma polifonia, ou seja, não estão

necessariamente afinadas umas com as outras, mas constroem um tipo de quebra-cabeças em que não pode existir um encaixe perfeito das peças.

Ainda antes de começar, é necessário dizer que, durante a edição deste livro, após todos os depoimentos terem sido gravados em campo, as comunidades Manoki decidiram criar uma nova associação. Desta maneira, alguns meses depois de diversas falas celebrarem a experiência de união na forma de uma só instituição, que permanecia única justamente por revezar em sua diretoria representantes das diferentes aldeias, a Associação Watoholi passou por uma importante ruptura que provavelmente mudará seus rumos a partir de 2016. Desde já é importante destacar que este livro, portanto, é o testemunho de uma importante fase na trajetória das comunidades Manoki – período em que elas lidaram com os conflitos e tensões sociais dentro de uma única instituição juridicamente constituída.

Homens Manoki chegam ao pátio e se preparam para a sua apresentação no ritual de iniciação dos meninos.
Foto: Edivaldo Mampuche, 2009.

UM POUCO SOBRE A ORIGEM DAS ASSOCIAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL

DEPOIS DE SÉCULOS de tantas tragédias, massacres e desrespeitos de todo tipo, o Brasil avançou de fato em sua relação com os povos indígenas a partir da Constituição Federal de 1988, que garantiu o direito dessas populações em poder continuar diferentes dentro de uma mesma nação. Até então, infelizmente, o principal objetivo das relações entre a sociedade nacional e os povos nativos desta terra sempre foi exterminar ou "integrar" os indígenas ao país, esforçando-se para que eles deixassem de ser indígenas e, com o tempo, desaparecessem em meio à população brasileira.

Apesar de alguns direitos fundamentais conquistados naquele documento (sobretudo o direito indígena às suas terras) estarem sofrendo uma grave ameaça hoje em dia, foi a partir das novas leis presentes na Constituição que as condições de vida dos indígenas no Brasil se tornaram mais favoráveis, inclusive para o surgimento e a formalização de novos tipos de organização, como as associações.

Sabemos que os coletivos indígenas, assim como todos os grupos humanos, têm as suas próprias formas de organização social. Vários pesquisadores que estudaram esses povos demonstraram que essas formas indígenas de se organizar são bem diferentes do jeito como se estrutura um Estado, que centraliza e hierarquiza as decisões, unificando em uma mesma pessoa ou grupo os poderes políticos. Os povos ameríndios, pelo contrário, têm sabido recusar as tentativas de concentração de poder em pessoas e instituições.

No entanto, para se relacionar com esse Estado centralizador e suas diversas instituições, é necessário se adaptar de várias maneiras que, muitas vezes, acabam entrando em conflito com valores e práticas indígenas. Atualmente,

a forma mais direta e acessível de garantir representação política e gestão de recursos é a criação de uma associação, um mecanismo legalmente reconhecido pelo mundo institucional público e privado, para tratar de demandas assistenciais, territoriais, comerciais e assim por diante.

Existem muitas dificuldades em se familiarizar com as exigências e burocracias para regularizar e manter funcionando uma organização desse tipo. As longas reuniões, a necessidade de elaboração de documentos escritos, as inúmeras requisições para receber, executar e prestar contas de recursos muitas vezes desanimam aqueles dirigentes que tentam trabalhar para as suas comunidades. Mas, para obter um reconhecimento oficial e poder alcançar os mais diversos objetivos e recursos na relação com o Estado e outras instituições, acaba sendo preciso adquirir aquele famoso número que identifica as organizações, o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Apesar de todas as dificuldades de adaptação, a experiência de organizar uma associação

José Francisco e Sérgio participam de reunião na Funai de Brasília com apoio da OPAN para reivindicarem a conclusão do processo homologação de seu território, até hoje não finalizado.
Foto: André Lopes / OPAN, 2008.

também traz aprendizados que costumam ser de grande utilidade para diversos grupos indígenas brasileiros atualmente.

Até a década de 1980 existiam pouquíssimas associações indígenas no Brasil: dava até para contá-las nos dedos. Esse número teve um aumento na década de 1990, depois que a Constituição, em seu artigo 232, passou a prever o direito dos povos indígenas se organizarem como pessoas jurídicas.

Hoje no Brasil os indígenas estão organizados em mais de 800 organizações de todo tipo: associações, centros, conselhos, cooperativas, federações, institutos e assim por diante, que se concentram em sua maioria na região da Amazônia Legal. Pelo número, já dá para perceber que, longe de se limitar a uma associação por povo, as populações indígenas tendem a multiplicar as instâncias de representação e de decisão em vez de unificá-las e centralizá-las em poucas organizações.

Foto: Paulo Porto/OPAN

O ENVOLVIMENTO DA OPAN COM A ASSOCIAÇÃO WATOHOLI

ENTREVISTA COM IVAR BUSATTO
COORDENADOR GERAL DA OPAN

A RELAÇÃO ENTRE OS MANOKI e a OPAN data do início dos anos de 1970, época em que a organização começava efetivamente as suas atividades, para atuar junto aos povos indígenas em suas aldeias. Fundada em 1969, a OPAN era composta em grande parte por jovens leigos, que faziam trabalho voluntário e passavam a acompanhar o cotidiano das aldeias, auxiliando os indígenas principalmente em questões relacionadas à garantia de suas terras, saúde e educação.

Após alguns anos trabalhando com os Manoki na década de 1970, a OPAN volta a ter uma equipe diretamente nas aldeias somente a partir de 2000. Desde então, muitos indigenistas passaram pela Terra Indígena Irantxe e pela Terra Indígena Manoki, ajudando a construir relações de confiança que deixaram um legado da organização e de seus membros. Ninguém melhor para falar sobre essa extensa trajetória que o próprio coordenador geral da instituição, que vivenciou grande parte dessas transformações pessoalmente.

IVAR BUSATTO: O trabalho da OPAN se inicia no interior da Missão Anchieta, que era a instituição dos jesuítas que trabalhavam no noroeste de Mato Grosso. Algumas pessoas e entidades começaram a criticar o indigenismo daquela época, que levava a uma assimilação dos indígenas como indivíduos e não os respeitava enquanto povos. Essas pessoas propuseram uma atuação completamente diferente: uma encarnação na realidade dos povos, para que a gente pudesse ter uma relação estreita com essas sociedades no sentido de contribuir com as suas perspectivas. Isso é completamente novo no Brasil, talvez na América, em termos de indigenismo. Então, 1968 tinha marcado o fim do

internato de Utiariti. A OPAN foi fundada em 1969, como uma possibilidade de ter leigos (não religiosos) que não tivessem o coração preso na missão tradicional, no indigenismo tradicional.

Bem, a relação mais estreita com os Manoki acontece em 1972, ano em que eu cheguei, e nós pusemos uma equipe permanente lá até 1976. Quando nós chegamos, haviam 62 Manoki morando na Terra Indígena Irantxe. A perspectiva da OPAN era de poder fazer um trabalho em que eles fossem crescendo e produzindo algum excedente para que pudessem comprar manufaturados ou coisas que eles estivessem precisando. Já nessa linha de manterem sua cultura, rituais, língua, a ideia era ter um pessoal que pudesse oferecer uma certa tranquilidade para os indígenas na área de saúde, além de garantir uma escolaridade básica.

Havia uma valorização de tudo que eles fizessem para se manterem autônomos. Aí estavam incluídos a borracha, a farinha, o artesanato e essas coisas todas. A gente saía junto com alguns deles uma vez por mês para Cuiabá ou onde fosse possível fazer algum comércio, vendendo alguma coisa da produção e comprando algumas necessidades básicas, como ferramentas, roupas e calçados.

Em termos de alimentação, eles produziam tudo. Fome ninguém passava. Tinha fartura sempre. Nós mantínhamos duas pessoas lá e uma equipe de suporte, trabalhávamos no interior da Missão Anchieta. Um deles era eu, então a gente acompanhava o trabalho como voluntários. Mais tarde, em 1978, experimentamos um trabalho mecanizado de agricultura com o plantio de arroz. Nós provamos, tanto ali quanto com os Paresi, que a pequena lavoura mecanizada de 20, 30 hectares é inviável economicamente. O investimento não compensa os ganhos. Mas nós vimos que o trator era importante, ajudava a puxar madeira, abrir estrada e outras coisas. Depois, nós fomos para outras áreas menos assistidas, mas algumas pessoas continuaram os acompanhando: a irmã Paulina, o padre Moura, depois veio a Beth com a escola.

Naquele período, o padre Arlindo ajudava sempre que podia com algumas coisas porque não tinha assistência, não tinha Funai, não tinha ninguém. Daí chegaram as primeiras fazendas na década de 1980, e muitos indígenas foram trabalhar nessas propriedades como uma forma de ganhar algum dinheiro. Foi uma maneira de se manterem. Foi talvez um dos piores tempos, eu acho... porque eles saíram todos, muitos foram morar em outras terras indígenas também, casaram em outras aldeias, você não via viabilidade...

Em 1979 a sede da OPAN muda para Cuiabá e nós mantínhamos a casa de trânsito aqui, junto com a Missão Anchieta. Então a gente sempre teve uma

relação estreita, uma convivência muito próxima porque todos os Manoki se hospedavam na casa de trânsito da OPAN em Cuiabá. Como eu sempre estive presente, eu mantive, digamos, um fio de esperança de ter uma volta. Tinha sempre presente a ideia de ter alguém com os Manoki porque eu via aquela garotada toda, a escola muito frágil, e o vínculo deles era com as fazendas, que era o que sobrava. Eles não contavam com uma política indigenista mais forte.

Eles iam, simplesmente, sendo bombardeados com a maior facilidade do mundo, junto com os peões que estavam nas fazendas, sem garantia de direitos fundamentais. Não tinha ninguém que se manifestasse com mais força. A garantia deles seria a terra tradicional demarcada. O Maurício Tupxi falou assim para mim: "Ivar, será que você tem condições de ajudar a gente a não deixar os bois da fazenda Membeca pisarem em cima do corpo da minha mãe que está enterrado lá no cemitério?" E eu falei: "Depende de vocês. Você topa fazer uma solicitação daquela área? Então levanta aí esse desejo com os outros, que, se estiverem a fim, a gente encaminha o pedido de vocês para a Funai".

A OPAN voltou a trabalhar com eles efetivamente a partir de 1999, 2000, quando tivemos a oportunidade de ter um recurso, e fomos atrás de pessoas. Exatamente nessa época, começamos a atuar também com a saúde, e aí ficamos 12 anos executando o convênio de saúde OPAN-Funasa, que atendia, além dos Manoki, os Myky e os Enawene Nawe. Em 2000, enfim, também acaba acontecendo o grupo de estudos da Funai para a definição dos limites da Terra Indígena Manoki.

Quando nós chegamos lá eles já tinham a associação, fundada em 1993 para conseguirem receber um caminhãozinho. Os indígenas andavam a pé, não tinham assistência de saúde, não tinham nada. Aquilo foi muito importante para sobrevivência naquele tempo. A associação foi aberta para receber esse caminhão e não andou mais. Já nos anos 2000 ela se fez necessária porque, a partir dessa época, toda e qualquer iniciativa de apoio aos grupos indígenas tinha um canal de entrada, que era através de uma via jurídica. Não tinha outro jeito. Você não tinha como ficar comprando as coisas e entregando na mão deles. Então, essa era uma possibilidade de ter uma autonomia jurídica para poder administrar as coisas de sua necessidade. Aí, nesse momento, as pessoas da OPAN tinham a incumbência de ajudá-los a organizar a associação. Todo mundo que ia lá tinha que contribuir para a organização da associação, para que ela se viabilizasse, tendo a possibilidade de receber e gerir recursos com autonomia. Era uma tentativa de criar alternativas viáveis para que os jovens tivessem possibilidades de desenvolver suas aptidões, seu trabalho, no interior das terras e não sendo peão, comandado no interior das fazendas, completamente

isolados uns dos outros, sem construir positivamente uma sociedade que tivesse um pouco mais de autonomia.

Então, a OPAN sempre os incentivou a fortalecerem a associação: não como se ela fosse uma casa de salvação, mas um bom instrumento para viabilizar bens e serviços, que fossem coletivos, superando diferenças familiares ou de grupos internos.

Mudas produzidas durante a primeira etapa do projeto Berço das Águas, executado pela OPAN com patrocínio da Petrobras.
Foto: Arquivo OPAN, 2011.

Formação de gestores da Watoholi realizada pela equipe da OPAN.
Foto: Arquivo OPAN, 2011.

A WATOHOLI E SEUS VÁRIOS PROJETOS

FUNDADA EM 1993, a Associação Watoholi teve como objetivo inicial a captação de recursos especificamente para a compra de um caminhão que serviria ao transporte das comunidades Manoki. Depois de conseguir o veículo, a associação permaneceu desativada por quase uma década, quando, em 2002, ela se regularizou novamente e conseguiu a aprovação de uma proposta do Projeto Demonstrativo dos Povos Indígenas do Ministério do Meio Ambiente (PDPI), com apoio da OPAN. Desde então, o volume e a diversidade de projetos e atividades da organização em parceria com agentes externos vêm aumentando bastante, passando por outros tipos de recursos e fontes: o ICMS Ecológico, o Ministério da Cultura, os Planos Básicos Ambientais (PBAs), cooperação internacional, captação em editais públicos de empresas como Petrobras, e assim por diante.

No entanto, as ideias em que se baseiam essas iniciativas de trabalho muitas vezes não são tão compatíveis com as lógicas indígenas, principalmente no que diz respeito às práticas produtivas. Se para os não indígenas é comum a dedicação durante muitos anos (ou até pela vida inteira!) a uma única atividade produtiva, essa lógica externa da especialização a longo prazo, ainda que muito discutida com os indígenas, não costuma funcionar bem nas aldeias Manoki.

Para criticar o gasto de verbas dos projetos, que pretendem trazer algum tipo de transformação, formação ou incentivo a certas atividades nas aldeias, os Manoki usam uma expressão muito comum: "Isso aí vai acabar em nada!" Essa expressão traz uma ideia de lástima diante da constatação de um suposto desperdício de recursos, tempo e oportunidades, tendo em vista a possibilidade de fracasso em algum trabalho. Quando dizem isso, as pessoas geralmente estão

prevendo um abandono futuro de alguma atividade, o que costuma acontecer com frequência. Ao mesmo tempo, essa recusa em se dedicar de forma continuada a um trabalho específico por muito tempo parece ser um traço cultural importante na lógica Manoki.

Essa desistência de algum trabalho costuma ser temporária também, ou seja, a possibilidade de voltar a ela sempre continua em aberto no futuro. Por isso, a questão colocada é para ser pensada num período de tempo de longa duração: até que ponto os projetos desenvolvidos pela associação de fato "acabam em nada"?

Para ajudar nessas reflexões, é preciso voltar ao passado e lembrar das diversas propostas já desenvolvidas pela Associação Watoholi. Pelas contas que fizemos juntos nas aldeias, as pessoas que presidiram a associação desde a sua fundação até hoje foram nove, na seguinte ordem: Celso Xinuxi, Bernardino Realino Iranche, José Aleixo Janaixi, Mário Gilson Napuli, Giovani Tapurá, Paulo Marcos Tupxi, Silvio Santos Xinuli, Gerson Garcia Quezo e Darci Iranche.

Comecemos do início então, voltemos ao ano de 1993...

A ORIGEM DA WATOHOLI

JOSÉ FRANCISCO (CHEFE): Hoje nós já podemos receber recursos e a gente pode comprar o que a comunidade precisa, mas eu me lembro daquela época em que a gente dependia dos padres, não tinha associação. Era uma época quando o pessoal veio de Utiariti, aí a OPAN já vinha acompanhando. Então, a gente dependia da OPAN, da Funai e dos padres. Eles eram responsáveis pelas coisas que íamos trazer para a nossa comunidade. A gente nunca tinha oportunidade de pegar o recurso e comprar o que a gente precisava. A associação foi um caminho de saída porque o pessoal não saia para fora, para procurar as coisas.

LOURENÇO (MOTORISTA): Naquela época, a comunidade queria adquirir um caminhãozinho. Para sair aquele caminhão, teria que criar uma associação para sair no nome dela, no nome da comunidade. Então a função da associação era só para receber o caminhão em seu nome. A Funai e a OPAN ajudaram na época. A comunidade se comprometeu em manter o carro com a venda de farinha e de seringa, assim conseguia comprar combustível.

LUCIMAR (AUXILIAR DE ENFERMAGEM): Veio o caminhão e aí ficou. Como é que ia bancar o caminhão? Acabou quebrando porque ninguém procurava saber como é que tinha que fazer para atrair o recurso, como é que ia usar a associação. Daí ficou parada um tempão, sem ninguém movimentar, correr atrás, porque até mesmo esses mais velhos que estavam na época não tinham conhecimento, não

Tudo começou com a demanda pela aquisição do "caminhãozinho azul", que durante mais de uma década serviu às comunidades.
Foto: Arquivo Watoholi.

tinham estudo. Precisava ter pessoas para ensinar, informar o que tinha que ser feito, mas daí só criaram a associação e deixaram, sem saber que a associação era uma porta para entrar os projetos e os recursos pra comunidade.

JOSÉ FRANCISCO: Na verdade naquela época a gente não sabia o que era isso, para que serviria essa associação. Depois acabou, em termos de documentação ficou tudo parado. Essa associação só tinha o nome mesmo.

ALEIXO (EX-PRESIDENTE): Teve um período em que todo mundo largou a associação e a gente via necessidade da associação para buscar recurso, enfim. O Celso saiu e deixou, aí ninguém mexeu. Ficou o Bernardo, mas sem exercer sua função, aí ficou toda essa temporada que gerou gasto, multa, e os papeis todo mundo perdeu. A associação tinha praticamente acabado. Depois que eu peguei, fui atrás até regularizar toda a situação... praticamente foi outra associação! Os documentos estavam todos atrasados: tinha um pouco na Funai, um pouco no cartório de Diamantino e tinha a exigência de mudar o estatuto. A Funai pagou a maioria para conseguir atualizar todo o regimento, para conseguir de novo registrar ela. Tinha que ir para Diamantino, Tangará da Serra e não tinha recurso nem para a gente sair, aí a gente tinha que emprestar dinheiro para a passagem. Não tinha nem onde dormir, dormia em qualquer lugar da cidade, encostava aí. Foi uma dificuldade que a gente teve no começo.

O PONTAPÉ DO PDPI (2004 -2007)

ALEIXO: Sem a associação a gente não teria como buscar projeto. Na época tinha o edital do PDPI aberto e aí veio a OPAN que deu essa ajuda. Eu ia em Cuiabá e ficava lá uma semana. Foram várias semanas que eu fiquei lá, até conseguirmos escrever o projeto, para aprovar foi mais uma luta, até esperar... Aí a gente já começou a melhorar e teve recurso na associação direto. O projeto foi direcionado para isso: buscar a terra tradicional, fortalecer a cultura, fazer fiscalização...

LOURENÇO: Parece que só quando teve uma coisa que a comunidade estava querendo ter é que ela lutou... Na época a associação só tinha um veículo, aquele caminhãozinho azul. E a comunidade cresceu, com dificuldade de ir para a cidade. Tinha a terra nova lá do outro lado, que até hoje ainda está em luta. Aí teve essa ideia do PDPI, de um recurso para várias coisas, para o território, cultura e compra de veículo: "para fazer levantamento lá na terra do outro lado a gente precisa de um carro e vamos colocar".

GIOVANI (EX-PRESIDENTE): Uma das demandas que a associação fez e a OPAN atendeu foi ter disponibilizado alguém da equipe, no caso foi o Sergio[1] naquela época, para estar ali sempre ensinando, dando continuidade na execução. Eles não sabiam nem mexer no banco, com quem conversar, mas hoje, depois de tudo isso, a gente tem um diálogo bem livre, bem mais autônomo. Hoje a gente vai sozinho, não precisa mais, mas na época precisava. O Sergio fazia essas coisas de burocracia que tem quando você está executando algum projeto. Na sequência disso teve a reivindicação do território, mas veio junto com esse projeto, que deu o pontapé inicial de tudo: foi o PDPI junto a com OPAN, desse daí vieram outras coisas, emendando.

ALEIXO: A gente viu os locais que os velhos falavam que eram deles, para a gente enviar para o Ministério Público e combater a degradação. Nós fomos denunciando, juntamente com a OPAN, e já fomos ocupando mais o território. Esse projeto do PDPI visava reflorestar essas cabeceiras e dar apoio à fiscalização. Foi quando começou esse movimento da terra, que hoje praticamente está nos finalmente, né? Foi esse projeto que deu o pontapé inicial. Nós íamos para a terra nova com dois caminhões, três barcos, cheio mesmo. Ficávamos lá dez dias, 15 dias. Praticamente nós já estávamos ocupando a terra mesmo.

1. Sergio Lobato foi indigenista da OPAN com atuação junto aos Manoki entre 2004 e 2007.

As atividades de vigilância territorial eram uma oportunidade para os mais velhos repassarem seus conhecimentos sobre o território aos mais jovens. Fotos: Arquivo OPAN.

Fizemos duas casas tradicionais lá, o projeto ajudou também a fazer roça. Eu acho que foi um dos projetos que deu certo, todo mundo participou, até os velhos iam junto com a gente lá. Não sei se foi porque era um dos primeiros projetos, mas era muita gente mesmo que participava. O recurso já caía direto na associação e a gente mesmo trabalhava, pegava o cheque ou mesmo fazia o pagamento de todos. Prestação de contas eu mesmo fazia, diretamente daqui eu já enviava para Brasília, por Sedex.

DARCI (PRESIDENTE): Nesse ponto a OPAN ajudou muito. De cara trabalhar com um recurso grande, nós não íamos dar conta. Se não tivesse o Adu[2], o Sergio... Se não fossem essas pessoas que trabalharam junto com a gente, para a gente desenvolver aquele projeto... Mas como eles estavam ali orientando, nós íamos fazendo. Dava mais segurança para a gente não errar. Porque sozinhos a gente não ia conseguir.

2. Adu Schwade foi indigenista da OPAN com atuação junto aos Manoki de 2001 a 2003.

O ICMS ECOLÓGICO (A PARTIR DE 2004, ATÉ OS DIAS ATUAIS)

ALEIXO: O ICMS foi um outro projeto. Eu vi que necessitava de mais recurso, e de início você não tem muita noção, mas você vê a demanda. Entrei em contato com os vereadores e foi uma briga lá. Um vereador que me apoiou bastante foi o Fernando. Todos os vereadores não tinham nem noção do que era e eu falei "vamos correr atrás, estamos necessitados e temos esse direito!" A prefeitura diz que eles não têm condições de apoiar, mas tem que achar uma brecha, algum lugar de tirar o que a gente tem de direito. Esse apoio sempre foi de 10 a 15 mil reais. Agora eles já disseram que poderiam apoiar com até 20 mil reais, só falta encaminhar o projeto lá para eles aprovarem.

LUCIMAR: Foi bastante importante para a comunidade quando eles ficaram sabendo que existia um recurso na prefeitura que vinha só para essa parte ambiental, como reflorestamento e fiscalização de terra. Foi quando foram buscar também recurso para que comprasse combustível e coisas pra fazer esse tipo de serviço de reflorestamento, não só lá do outro lado do rio Cravari, como em toda nossa área aqui já demarcada.

LOURENÇO: Foi bom esse projeto do ICMS, até porque foram os próprios companheiros da associação que executaram. Tinham várias coisas para serem feitas: limpeza das divisas, combustível, manutenção de carro...

DARCI: Esse ano [2015] a gente até montou projeto, só que falta levar para Câmara, para ver se aprovava. Mas na minha gestão na diretoria nós não trabalhamos nesse projeto até o momento. A gente só está com ele na mão, o projetinho nosso está feito e é só marcar a reunião e entregar para o prefeito. Teve um ano aí, bem depois que eu assumi a associação, que a gente perguntou na prefeitura se nós podíamos encaminhar esse projeto do ICMS e o secretário falou que nem adiantaria porque a associação dos Rikbaktsa não tinha feito a prestação de contas deles certinha, então não teria como ele aprovar outro projeto. Dali para cá a gente não enviou mais projeto nenhum, mas a gente tem ele pronto.

Com os recursos do ICMS Ecológico é possível manter as estradas que cortam a TI.
Foto: André Lopes / OPAN, 2009.

A LAVOURA MECANIZADA (A PARTIR DE 2004, ATÉ OS DIAS ATUAIS)

ALEIXO: A associação e a Funai não supriam mais as necessidades. A gente ia na Funai e dizia: "nosso pessoal precisa disso", mas nunca conseguia. Aí, juntamente com outros povos, a gente falou: "se nós não conseguimos, tem essa possibilidade de ter uma renda aqui com essa lavoura mecanizada para ajudar um pouco a comunidade". Depois de muita reunião, na época nem eu mesmo aceitava, uns queriam, outros não. Era na minha gestão e eu falei: "se é para atender a necessidade da comunidade, por que não tentar?" Foi uma briga até mesmo interna. Imagina que o Ministério Público, Funai, ninguém apoiava. E nós em cima, nós, os Paresi e os Nambikwara.

JOSÉ FRANCISCO: A única coisa que deu um passo grande para a gente resolver a nossa situação foi a lavoura. Nós tínhamos apenas um carro e infelizmente ficávamos sempre assim, pedindo para a Funai... A gente fez um movimento grande, chamou o pessoal da Funai de Brasília, e o povo Manoki, junto com os Paresi, pressionou. Com isso, eles autorizaram a gente começar a fazer esse trabalho. A gente pegou um trabalho pesado e muito prolongado. Hoje, apesar da lavoura não beneficiar 100% a gente, pelo menos a viatura a gente não precisa correr atrás de ninguém. Quando precisa a gente mesmo já tem uma reserva.

LUCIMAR: A comunidade viu que não havia outra saída, então tentamos, né? Não abriram mão. A OPAN ficou afastada, mas depois voltaram atrás... até hoje tem gente que não apoia a lavoura.

IVAR BUSATTO (COORDENADOR GERAL DA OPAN): Em 2004 os Manoki, juntamente com os Paresi e os Nambikwara de Sapezal, acionaram a Funai para que autorizasse uma parceria agrícola para plantio de soja e milho em suas terras. No caso dos Manoki, a área em questão era de 1000 hectares.

Não houve posição oficial da OPAN, mas a equipe que atuava na área manifestou-se contrária, pois se trata, ao fim, de um arrendamento disfarçado. Além da falta de amparo legal, a parceria proposta é uma contradição com o pleito de reconquista do território tradicional para a manutenção do modo de vida, usos e costumes. Os próprios Manoki estavam divididos, pois sabem que eles têm o usufruto exclusivo da terra e não havia clareza de como tudo isso ia funcionar, tanto no âmbito legal, quanto da divisão dos recursos na comunidade. No entanto, a OPAN respeitou a decisão dos indígenas e seguiu fazendo seu trabalho junto ao povo.

LOURENÇO: Então a lavoura ficou somente com a comunidade, sem a OPAN ajudar. Eu sempre fui contra, mas eu sozinho também não ia adiantar, com todo

mundo querendo, muita falação de que poderia melhorar. Se por um lado melhorou, por outro lado talvez não... sei lá... Falta organizar melhor. Mas acho que se tivesse sem a lavoura poderia ser pior ainda, não sei...

EDIVALDO (PROFESSOR): A lavoura é uma das coisas que a associação administra que é de onde o pessoal consegue tirar recurso para sair, para poder ir em reunião, em Cuiabá, em Brasília, então é um recurso que a gente tem que ajuda muito, né? Ele é fundamental para participar dessas políticas.

Nós temos um plano de gestão, que eu não participei muito, mas vejo que algumas coisas que estão ali estão sendo asseguradas e realmente vão de acordo com o que a gente faz. Mas, uma das coisas que o pessoal fala que ficou de fora é a questão da lavoura mecanizada, uma coisa bastante importante para o povo. Algumas pessoas falam que esqueceram, mas talvez ficaram com receio de falar sobre lavoura mecanizada por que é polêmico então deixaram de lado.

A plantação de girassol faz parte do arrendamento de mil hectares na Terra Indígena.
Foto: André Lopes / OPAN, 2015.

LUCIMAR: Para os outros, até pode ser que eles veem que não tem futuro porque está devastando, trazendo um monte de problemas para a terra indígena, mas, para a comunidade, esse é o único recurso que eles podem pegar em dinheiro mesmo. Os outros que vêm são todos em projetos, não tem como você pegar nem um real em dinheiro. Daí você pega o dinheiro limpo, tem muita gente que constrói casa, compra móveis, um monte de coisas assim. Daí acho que a lavoura foi bastante importante para a gente, mesmo que seja uma vez por ano. Mas essa uma vez por ano quando o pessoal pega é bem aproveitado.

JOSÉ FRANCISCO: Então, hoje, parte da lavoura nós dividimos. E essa parte é dividida por família e pessoa. Na verdade, nos primeiros tempos foi dividido só por pessoa, o que eu acho que é certo. Muitas vezes as pessoas compram móveis ou pagam dívidas, enfim... se souber aproveitar aquele dinheirinho, ele consegue comprar uma coisa que ele não tinha possibilidade em outros tempos.

GARCIA (EX-PRESIDENTE): Eu acho que o recurso da lavoura mecanizada é onde tem mais conflito na comunidade. A divisão acontece todo ano, no final de março ou em abril. Esse ano nós fizemos assim: dividimos um pouco por pessoa e outra parte por família. Antes estava saindo muito problema porque quando dividia só por pessoa dava a impressão de que aquela família grande, que tem dez, 12 pessoas, ganhava muito mais dinheiro do que um casal que tem só um filho, né? Estava dando muita polêmica por causa disso...

DARCI: Bem no comecinho mesmo da lavoura, em 2005, deu só 50 reais para cada um! Aí no segundo ano, nós tivemos, se eu não me engano, 100 reais. Aí assim foi indo. Chegou um momento mais recente que a gente partiu para a divisão. Aí 50% da lavoura vai para as famílias e a outra metade para pagar a despesa da lavoura: maquinário, essas coisas. Colheitadeira, trator e plantadeira a gente tem, não tem passador de veneno, jogador para esparramar calcário não tem, isso aí.... O que vai para a comunidade teve bastante polêmica. Foi dividido por família. Daí no outro ano falaram assim: "rachamos o recurso para a comunidade no meio, distribuímos metade por todas as pessoas e outra metade por todas as famílias". Está assim atualmente. Este ano por volta de 180 mil reais foi dividido para a comunidade, 90 por família e 90 por pessoa. Para fazer o cálculo, a gente segue o censo que foi feito pela saúde.

GIOVANI: A perspectiva da lavoura hoje é cada vez mais o fazendeiro usar menos da área de 1000 hectares que temos plantada, e a gente usar mais. Estamos avançando: começamos com só 75 hectares da comunidade, esse ano foi 100 e agora pretendemos 150 para o próximo período. A gente tem um contrato com o fazendeiro por três anos, e esse ano é o último. Dos 900 hectares que o

fazendeiro planta, a gente leva oito sacos por hectare, sendo que cada hectare rende uns 50 sacos de soja. Nós estamos pleiteando legalizar esses 1000 junto à Funai, estamos indo direto para Brasília para tentar legalizar. Nós já compramos um trator e uma plantadeira e os funcionários da lavoura são todos da comunidade. O fazendeiro fica mais com a parte da pulverização e da colheita.

O preço do saco depende também. Ele hoje está 49 reais, mas chega a 50 e poucos. A gente precisa muito aqui da internet. Eu gosto de assistir ali, se o dólar está lá em cima, vou sair daqui correndo de moto, para fechar a venda, já! Se cair o preço de novo não fecha. Então é assim, ela é uma onda, tem onda gigante nesse meio também.

DARCI: Na verdade, se for falar em parceria mesmo, está longe de ser parceria. Na verdade, é desigual, se você puxar bem o real... Se fosse um contrato de arrendamento normal aqui da região, o fazendeiro tinha que pagar 12 sacas. Mas como eles abriram a terra desde o começo e estão até hoje, então o fazendeiro paga oito sacas de soja por hectare e o resto é dele. O contrato de três anos vai vencer, então tem mais esse plantio agora e depois vai ser aquela briga. Aquelas viagens que você tem que fazer para Brasília, negociar, voltar, mexer, é tanta coisa!

JOSÉ FRANCISCO: Se acabar a lavoura hoje, nós não temos nenhuma dívida, mas nós também não temos nenhuma condição para continuarmos. Podemos parar por aqui. De acordo com o contrato, para esse ano não vai ter mais parceria com o fazendeiro e não tem o dinheiro para a gente continuar plantando a lavoura. Hoje a associação já fez acerto com fazendeiro e disse que não pode tirar mais nada, não pode mexer em mais nada, enquanto não fizer uma reunião com a comunidade, para decidir o que vai acontecer com o negócio de lavoura: se vai parar ou se vai continuar e como vai ser. Aí a gente não sabe se a comunidade vai entender isso como uma boa coisa, ou se vai acabar com tudo.

GIOVANI: Eu sempre me questiono, já cheguei até a conversar com alguns dos fazendeiros. Eles falam: "hoje vocês estão bem, tem que quebrar mais o mato, tem que produzir mais...", mas eu falei: "eu não preciso de mais, eu preciso de algo que atenda a minha sobrevivência". Eles dizem: "Não, hoje vocês estão igual a nós: têm lavoura, têm trator, têm tudo", e eu digo: "não, eu posso ser igual a vocês, mas mais do que isso, eu não preciso de mais. Isso me faz viver bem". Eu vejo que é importante que você possa viver bem, ter alguma coisa sua, mas a hora que você morrer isso tudo vai ficar para os outros. Se há muito tempo nossas histórias, nossas raízes vieram, e até hoje estão vivas, é porque elas estão sempre amadurecendo, sempre levando adiante. A partir delas mesmo, a gente pode gerar vários outros meios, essa é a nossa intenção.

PLANOS BÁSICOS AMBIENTAIS (PBAs) - A PARTIR DE 2009

LUCIMAR: Essas obras e empreendimentos que têm sido feitos aqui na região trazem mais problemas do que benefício, sabe por quê? Porque essas compensações que vêm, em forma de PBAs, têm uma duração, determinam os anos que vai fazer, mas o estrago que eles fazem é para a vida inteira. Não tem recurso que paga o estrago. Vai lá para você ter o exemplo do rio Cravari, esse estrago aí fica para sempre. Tanto é que a gente não tem mais nem peixe nessa região por causa dos empreendimentos que foram feitos lá, foi um estrago muito grande, eu acho que não há nada que pague. Eles podem dar dinheiro, podem dar tudo, mas eles nunca vão devolver a terra do jeito que ela estava, né? Então eu acho que é um dinheirão que eles gastam ali e eles vão ser beneficiados para sempre, mas nós não... Não tem recurso para nada, né? Mas para fazer um estrago desse, o governo libera recurso. E a gente aqui na comunidade, o que é que a gente só pede? Só pede carro, combustível, só que eu já falei: carro, combustível, essas coisas não são solução, são problemas para os povos indígenas, porque daí começa a acontecer muito atrito interno. A gente pensa: "vamos pedir dez, cinco carros para resolver o nosso problema", más nós estamos enganados, não resolve, só aumenta nossos problemas.

DARCI: Tem vários projetos para beneficiar a comunidade através de um impacto que vai haver. Principalmente usinas, estrada, aquela ferrovia que está no projeto do governo. Nem sei onde ela vai passar, mas também vai afetar a gente. Então pensando bem, daqui para frente, quando entrar uma compensação para as populações indígenas, tinha que colocar no PBA: "nós queremos o recurso para atender aos alunos", só que tem que ter pessoas que batem duro. Se eles deixassem esse recurso direto na associação, aí sim, você ia ter. Porque tem vários alunos que saíram, que estão precisando de ajuda, e agora é a nossa vez de investir neles para o futuro, para que eles possam estudar, voltar e trabalhar com o nosso povo.

JOSÉ FRANCISCO: Esses PBAs aqui da PCH Bocaiuva e do Linhão, quando o recurso está na responsabilidade deles, a gente fica aí pedindo, esperando a boa vontade das pessoas. Por esse motivo que a gente já briga bastante para todos os recursos dos PBAs, nos dias de hoje, entrarem na associação. Assim a gente compra aquilo que a gente planejou e não fica com essa demora, esperando a boa vontade das pessoas.

MÁRIO GILSON (EX-PRESIDENTE): Tivemos os royalties da PCH Bocaiúva e tínhamos um conselho gestor, que eu era o presidente, tinha que ficar a par de tudo. Mas sempre a gente tinha a presença de um membro da associação e sempre

Nos ultimos anos, devido à construção de uma barragem da PCH Bocaiúva, os Manoki têm se deslocado cerca de 80 quiômetros para encontrar peixes no rio Cravari.
Foto: André Lopes / OPAN, 2010.

a gente movimentava esses recursos em conjunto com a Funai e com o CNPJ da associação. Na execução do PBA, a função da diretoria é fazer uso do recurso financeiro de forma correta. A gente fez o possível para todo mundo dar opinião, para chegar numa conclusão. Mesmo assim teve coisa que não deu certo.

O PONTO DE CULTURA (INÍCIO DAS ATIVIDADES EM 2010-2011)

EDIVALDO: Eu sempre pensei que deveria ter mais participação indígena porque os outros projetos que tinham sido desenvolvidos pela associação não eram os indígenas que executavam. Eu sempre estava cobrando isso porque eu sentia que os indígenas tinham capacidade de fazer. Foi quando o André e a Débora[3] entraram na equipe de área e a gente de novo conversou e quis fazer aquilo que eu sempre pensava, de a gente mesmo escrever junto. Eu sabia também que não ia ser fácil, que não era nosso hábito, mas tivemos que sair, ir pra Brasnorte, e ficamos vários dias fora, sentados, escrevendo o dia inteiro. Era eu, a Marina e o Adelson, né? Foi aí que surgiu a oportunidade do Ponto de Cultura, que para mim foi uma coisa boa porque ali eu aprendi como realmente se faz um projeto, não só na teoria, mas fomos diretamente para a prática. Pessoalmente, isso foi uma coisa bastante importante para mim porque eu aprendi como é que se faz, me ajudou bastante profissionalmente também. Esse projeto do Ponto de Cultura, que era através de associação, me ajudou bastante, entre as coisas que eu faço hoje. Eu aprendi mesmo e hoje eu continuo levando esse trabalho sempre a sério, sem mais dificuldade de fazer, de elaborar.

ADELSON (PROFESSOR): O objetivo do projeto era aproximar os jovens e os velhos. Buscou os conhecimentos da época dos velhos e a reunião era tipo um encontro de jovens, que englobava todos. Nesses encontros foram passados vários conhecimentos e práticas, como o artesanato que o povo Manoki faz, dentre outras coisas. Até os velhos estavam esquecendo algumas coisas, foi quando o audiovisual ajudou bastante também. Foi uma atividade do Ponto de Cultura que buscou incentivar os jovens a fazer entrevistas com os velhos. Teve várias histórias, inclusive a filmagem que hoje virou o filme "Vende-se pequi". O Ponto ajudou bastante nessa questão de reativar várias coisas, a música, as histórias, foi um auxílio muito grande. O papel da OPAN foi também importante, mas trabalhando junto com a associação.

3. André Lopes e Debora Duran foram, entre 2008 e 2010, equipe indigenista da OPAN com atuação junto aos Manoki.

JOÃO PAULO (PROFESSOR): Até o momento, eu acho que o Ponto de Cultura que teve a visão mais forte de fazer encontros, oficina de artesanatos, apresentação que a gente fazia fora, do grupo de dança. Aí foi, foi, até que o Ponto parou, não sei o que aconteceu. Hoje a gente parou tudo, só tem pequenas apresentações de fora mesmo. Na época eu filmava, tirava foto, ajudava a organizar a apresentação, fazia cartazes, convites... Eu fiz capacitação em audiovisual e usamos mais pra divulgação da cultura indígena. Então fizemos vídeos para divulgar para os outros povos, para não indígenas que estão conhecendo a cultura nossa. Eles acham que índio é tudo igual, e a gente não é tudo igual, acham que índio anda pelado ainda. O vídeo é um meio de comunicação, que mostra a realidade do século XXI, que nem a gente fala: "nós não somos índios de 1500, somos do século XXI, do agora!"

LUCIMAR: Eu acho que o Ponto de Cultura não foi nem um passo, foram dois passos! Sabe por quê? Porque você vê! Teve oficina de fazer artesanato e muita gente aprendeu. Esse meu filho mais velho, Anderson, ele faz flecha, faz xire, faz tudo. E o que fez ele aprender? Foi essa oficina. Se não fosse essa oficina ele não ia saber nada, ele estaria igual a mim, igual ao pai dele, igual tantos outros que não sabem. Poderia existir mais vezes, mais projetos, para estar incentivando mais ainda. As meninas aprenderam a fazer rede, quem estava ali para aprender realmente aprendeu, a maioria aprendeu.

Teve também a divulgação através dos vídeos do Ponto de Cultura. Através disso é que todo mundo vai ficar sabendo que o nosso povo ainda preserva a nossa cultura. Porque de repente tem umas pessoas lá que nem sabem que a gente existe, não sabem como é a nossa cultura e através do vídeo eles vão saber.

LOURENÇO: Pela minha experiência, eu vi que o Ponto de Cultura é um projeto que foi bem desenvolvido. Eu avaliei como um projeto positivo porque buscou muita participação. E você vê que tem muitos PBAs, por exemplo, em que está inserida somente a diretoria, parece que a comunidade nem participa. No Ponto de Cultura eu vi oficina que os velhos fizeram e os jovens participaram, aprendendo tudo aquilo que é da cultura do seu povo. Esses outros projetos não estão oferecendo isso. Para começar, todos os coordenadores do Ponto de Cultura eram indígenas, né? Eu acho que tem como a gente avaliar como um projeto que deu certo. O pessoal participou tudinho, a maior parte da comunidade.

EDIVALDO: O Ponto de Cultura só potencializou ainda mais a associação com a estrutura que ele trouxe. Depois que a gente começou a trabalhar pelo Ponto de Cultura, as pessoas começaram a ter mais visibilidade, elas também

começaram a entender um pouco mais o trabalho da associação. E além das coisas que a gente adquiriu de equipamentos para a associação, a associação ficou um pouco mais fortalecida porque a gente começou a trabalhar diretamente. Também teve a questão da valorização cultural, então fortaleceu o povo de uma certa forma. O pessoal estava todo ligado à associação por conta das oficinas que a gente realizava. A gente fazia no Paredão e no Cravari as oficinas de confecção de artesanato, cestaria, rede, sementes, pinturas corporais, danças e também tinham os vídeos. A oficina durava uma semana e envolvia muita gente, todas as escolas do Cravari e do Paredão. O Ponto de Cultura era como se fosse um departamento dentro da associação, e só estava fortalecendo ela com a participação de todos.

LOURENÇO: Uma das coisas que nos preocupou é a pendência que o Ponto de Cultura tinha na prestação de contas que eu nem sei o que virou. Não porque

O jovem Odair filma o velho Luís Tamuxi, em oficina promovida pelo Ponto de Cultura "Centros de Memória Indígena Manoki". Foto: João Paulo Kayoli, 2010.

foi mal gasto, foi por causa de pequenos erros com burocracia, só que daí eu não sei. Inclusive a comunidade pediu que o pessoal da diretoria fosse atrás, para não deixar a associação ficar inadimplente. Até hoje, a comunidade tem se preocupado muito com a associação: "ah, porque não pode fazer assim, é uma instituição que a gente tem e ela nunca deve ter essas pendências". Eu acho que falta mais entendimento, porque parece que o pessoal que era da diretoria estava meio afastado. Porque parece que quando a gente falava: "ah, não! Esse problema é do Ponto de Cultura", na verdade ele é da associação. Então aí eu acho que faltou um pouco de entrosamento e um pouco de entendimento também. Até mesmo a gente sempre falou "isso aqui é da comunidade, é da associação, é de todo mundo. Não é porque está implantado aqui no Cravari que é só daqui, é de todos."

Jovens Manoki apresentam canto e dança durante encontro na aldeia Cravari.
Foto: Mel Mendes / OPAN, 2015.

O FUNDO DE PEQUENOS PROJETOS DO BERÇO DAS ÁGUAS (2011 - 2012)

EDIVALDO: No Fundo de Pequenos Projetos, que era do Projeto Berço das Águas, patrocinado pela Petrobras, foi a gente que fez e também executou as propostas. Como eu já tinha aprendido com o Ponto de Cultura, ajudei os meus colegas que estavam junto: Marina, Roseana, João Paulo, Marcelo e Darcy. Para mim foi uma coisa a mais porque eu já tinha um pouco mais de conhecimento e ajudei eles a fazerem. Foi uma experiência para fortalecer a associação, para que os próprios indígenas fossem executar o projeto, depois fazer a prestação de contas, orçamento, toda a questão burocrática que precisava ser feita. E a gente conseguiu dar conta de fazer tudo certinho, mandar relatório com foto.

MARINA (EX-TESOUREIRA): Esse projeto incentivou bastante nessa época, entre 2011 e 2013, a associação buscou muito com o incentivo da OPAN. Foi a partir desse momento que eu comecei a entender melhor como funcionava a OPAN, como ela trabalhava. Porque antes eu participava de reunião, mas eu nunca tinha procurado entender como funcionava o trabalho dela e, a partir desse momento, a gente começou a entender o que era a instituição, com o que eles trabalhavam. Para mim foi muito legal tudo que a gente aprendeu com essas etapas de gerenciamento. O pequeno projeto foi para a gente colocar em prática o que aprendemos. O recurso caiu por etapa de trabalho, aí em cada etapa um foi fazendo a prestação de conta.

A execução do projeto no papel e na administração aconteceu. Mas agora a parte do trabalho na roça, aí que ficou um pouco complicado. Como nós estávamos executando o projeto, o pessoal entendia que nós que tínhamos que ir plantar[4]. Para nós, a gente iria ficar na administração, iria chamar a comunidade e eles que iriam plantar. Mas como eles falaram que nós é que estávamos pegando esse dinheiro, então nós é que tínhamos que plantar. Mas nós não tínhamos como ir lá, ficar cuidando... a roça ficou abandonada, mas como a Dolores e o Miguel foram morar lá perto, aí ela passou a cuidar da roça e alguma coisa ela salvou. Aí nos falamos: "deixa para ela porque é ela quem está cuidando".

LUCIMAR: A partir desse curso na OPAN, o pessoal teve conhecimento de como trabalhar com a associação. Eles voltaram e tiveram mais condições, mais

4. O Fundo de Pequenos Projetos (FPP) foi uma ação pedagógica para o exercício da elaboração e da gestão de projetos, quando representantes dos povos Myky e Manoki, no ano de 2012, foram convidados a submeter propostas de ações que deveriam ser realizadas simulando as exigências de editais e cartas de financiamento para os quais no futuro as associações poderiam pleitear. Os Manoki redigiram um projeto de abertura e gestão de uma roça tradicional coletiva, com vistas à realização do ritual.

Os Manoki desenvolveram um projeto para implementação de cinco roças tradicionais. Foto: Arquivo OPAN, 2012.

segurança de trabalhar e de correr atrás das coisas para a comunidade. Eu acho que foi importante, foi um passo grande que deu, por isso eu vejo que eles não deveriam parar, eles deveriam continuar. A intenção da OPAN foi legal, pensando que ia trabalhar e que ia ter resultado, mas eu vi que não teve resultado, o que não é culpa da OPAN. A culpa foi da comunidade. Fizeram roça, fizeram um trabalho, mas foi um desperdício, ninguém aproveitou nada desse dinheiro. Não teve retorno, não teve benefício. Ninguém cuidou, quando é coisa da comunidade é de ninguém. Todo mundo fica esperando um puxar frente, outro puxar a frente e ninguém vai, daí acaba morrendo. O desafio é a comunidade valorizar e dar importância para a coisa que foi plantada lá e para o recurso que foi gasto.

MANOEL (CHEFE E CACIQUE-GERAL): Essa experiência de trabalhar com recurso deu mais ou menos certo. A OPAN liberou 50 mil reais e repartimos em duas partes: Paredão e Cravari. Começaram a tocar esse projeto das roças, compraram materiais para trabalhar. Por aqui, parece que não chegou o projeto e eu mesmo fui obrigado a fazer minha roça de toco. A gente pertence ao Cravari, que tem quatro aldeias: Cravari, Asa Branca, Treze de maio e Doze de Outubro. Paredão são três: Perdiz, Recanto e Paredão. Se a OPAN desse continuidade para esses recursos, quem sabe mais tarde poderia melhorar mais.

DARCI: Essa parceria da comunidade, da associação com a OPAN, eu gostei bastante. A gente aprendeu como trabalhar com a associação, como organizar também. Só que o projeto terminou e nós não terminamos as etapas certinho, então isso ficou faltando. Mas conversando com a comunidade, eles avaliaram que gostaram do trabalho que a gente fez.

MARCELINO (CHEFE E TESOUREIRO): Eu tive a primeira, a segunda e a terceira capacitação com a OPAN. Sem capacitação você faz de uma forma que você acha que é certa, mas pela lei você está fazendo errado. Na capacitação você aprende o que você deve e não deve fazer. Para mim foi muito bom porque a gente aprendeu como lidar com os trabalhos de projeto, assim como pede a instituição que fornece o valor do recurso. Tem umas que são muito mais burocráticas do que outras, então a gente tem que trabalhar de acordo com cada instituição.

As roças têm importância tanto para a alimentação cotidiana, quanto para a organização de práticas rituais que mobilizam todas as aldeias Manoki.
Fotos: Arquivo OPAN, 2012.

Foto: Mel Mendes/OPAN

COMO SE ESTRUTURAVA A WATOHOLI NO OUTONO DE 2015?

O OBJETIVO DESTE TÓPICO é fazer uma espécie de "raio X" da estrutura da associação durante os meses de abril e maio de 2015, quando essas entrevistas foram feitas. Aqui é possível encontrar informações diversas da instituição, principalmente sobre o funcionamento geral, as funções, o patrimônio e as fontes de recursos da Watoholi. Naquele período a diretoria estava composta pelo presidente Darci Iranche, o vice-presidente Pedro Paulo Tamuxi, o tesoureiro Marcelino Napiocu, o primeiro secretário João Paulo Kaioli e o segundo secretário Claudionor Tamuxi Iranxe. Essa mesma diretoria, com algumas alterações, já tinha sido reeleita na gestão anterior, mas foi substituída por novas eleições em setembro de 2015.

PAULO MARCOS (EX-PRESIDENTE): A associação tem participado em tudo. Processo de terra, de saúde, de projetos, de PCHs, de linhão, todos esses projetos, né? Porque sempre quando tem um desses encontros e reuniões tem um membro da associação junto.

DARCI (PRESIDENTE): A diretoria participa de reunião que puxa mais para a associação, como do conselho da EBTE[5], da PCH, da reunião do pedágio[6] e da lavoura. Isso é no que a gente foca mais. Reunião da saúde e da educação já tem os conselhos. São eles que têm que fazer reunião, e a gente não vai lá se intrometer,

5. A Empresa Brasileira de Transmissão de Energia S.A. (EBTE) é responsável pela manutenção da linha de transmissão de energia elétrica que foi construída nas proximidades da Terra Indígena Irantxe.

6. Os Manoki participam de uma parte da divisão dos recursos arrecadados com a cobrança de pedágio na Terra Indígena Utiariti, do povo Paresi.

Darci (à esquerda), presidente da Watoholi, e o tesoureiro Marcelino usam o telefone na aldeia Cravari para resolver burocracias da associação.
Foto: André Lopes / OPAN, 2015.

mas se eles convidarem a gente, a gente vai dar a nossa opinião. Então, eu como presidente, não faço assim "vou chamar uma reunião para falar de educação e saúde para toda comunidade". Tem pessoas responsáveis para fazer isso, mas se eles montarem essa reunião para falar disso e convidar, a gente vai.

JOAO OSVALDO (AUXILIAR DE ENFERMAGEM): Nós, do conselho de saúde, tivemos apoio várias vezes da associação para fazer reunião do conselho local aqui. Para a educação e a saúde, a associação sempre busca dar apoio, fazer parceria de uns tempos para cá. Antes não tinha nada, mas hoje já dá bastante apoio. Além disso, alguns membros também vão nas reuniões de conselho.

MARINA (EX-TESOUREIRA): Hoje cobram muito nas reuniões, tanto na educação quanto na saúde, a importância de ter alguém da associação participando. A gente sempre vai precisar deles porque a associação é uma porta para a gente conseguir conquistar, então sempre eles têm que estar presente. Se a gente precisa e não tem alguém, as coisas ficam mal resolvidas.

ALEIXO (EX-PRESIDENTE): Eu sou membro do conselho fiscal e nos últimos tempos, a gente conversou com o presidente, o vice-presidente e o tesoureiro porque agora a comunidade também estava cobrando o conselho fiscal para estar mais presente na associação e saber os gastos, os recursos que tem, para facilitar a circulação de informação dentro da comunidade. A gente começou a atuar agora fiscalizando mesmo todo recurso que for entrar e sair. Antes da prestação de contas, nós tiramos dúvida de várias pessoas. Você, como é fiscal, já sabe se está usando o recurso de maneira adequada, daí antes da prestação de contas você pode dizer porque surge bastante desconfiança de presidente e tesoureiro estarem desviando, mas a gente estando presente facilita.

EDIVALDO (PROFESSOR): O trabalho de secretário é a organização da sede da associação, a documentação que precisa fazer, às vezes acompanhar reunião porque você precisa fazer um documento, a ata da reunião, são praticamente esses trabalhos. Eu vejo que hoje a demanda aumentou e, como o trabalho é voluntário, ficou um pouco complicado de continuar. Às vezes tem um trabalho que precisa ser feito na associação, principalmente quando tem os empreendimentos, que você precisa estar ali presente e, às vezes, você não pode porque você tem seu trabalho, aí fica um pouco inviável de participar.

GIOVANI (EX-PRESIDENTE): No passado, nós sempre fizemos trabalho voluntário, com dificuldades, mas sempre fazendo as coisas. Eu sou uma das pessoas que vinha falando que nós somos uma comunidade grande que precisa, não digo ganhar com carteira assinada, mas precisa ter uma recompensa, pelo menos

alguma coisa, principalmente as pessoas que estão dedicadas só para isso, e, nessa função, elas não podem tirar seu sustento. Tem várias pessoas ali dentro assim. Até pouco tempo eu não ganhava nada, mas hoje eu ganho, digo que é da comunidade, porque é o dinheiro da lavoura. Hoje tem condição da instituição gerar renda. Tem como ela trabalhar nesse porte, para ter algo para remunerar as pessoas, ou pelo menos compensar em alguma coisa. Antes nunca se falava isso, hoje já se fala.

LOURENÇO (MOTORISTA): Tem os recursos que entram com o trabalho da lavoura, mas não tem aquele fundo, não tem um caixa. Então a associação está sempre praticamente sem nada. Ela tem o quê? Quatro carros que estão em seu nome. Um deles tem recurso para manter o próprio carro dentro do PBA e, os outros, como os projetos foram mal elaborados, ficaram de fora: são o micro-ônibus, a F-4000 e tem mais outro carrinho. A comunidade é que tem que se virar com o parceiro (da lavoura) para conseguir comprar peça quando estraga.

DARCI (PRESIDENTE): Estamos completamente amparados na lavoura. Alguma coisa para a saúde nós tiramos do recurso da lavoura. Alguma coisa da educação, nós tiramos dele também. Os nossos veículos quebram, quem banca? Se nós corrermos atrás da Funai, não tem recurso. Se é algo imediato, vamos pegar esse diesel com o parceiro da lavoura.

Temos o dinheiro do pedágio dos Paresi, que foi uma briga bem longa. Há muito tempo, ficou acordado com os Paresi que, se eles conseguissem abrir aquela estrada e colocar o pedágio, Nambikwara e Manoki, que sempre apoiaram eles também, iam ter uma quantia da arrecadação. Mas quando foi feito o pedágio e a estrada foi aberta, nós ficamos esquecidos. Aí começaram a ir atrás: "nós lembramos do que foi falado, a gente tem que receber também, vocês não estão cumprindo". Se a estrada passasse a ser regularizada, nós teríamos uma arrecadação de 30 mil reais e os Nambikwara a mesma coisa. Só que até hoje está irregular. Então eles passam para a gente, quando eles passam, cinco mil reais por mês. Nem é por mês, é a cada 35 dias que eles entram no pedágio. Aí no terceiro dia que eles estão lá, a gente vai lá e fica esperando até eles passarem os cinco mil reais. Antes eles não passavam, mas quando eu comecei a cobrar deles foi diferente. Falei para as lideranças: "vocês têm que me ajudar para o pessoal passar porque eu sozinho lá não tenho condições". Passei a levar mais gente comigo, e falava: "a gente precisa desses cinco mil porque em cima dele a gente já tem um plano de trabalho".

Na aldeia Paredão, o vice-presidente Pedro Paulo posa em frente da sede da Associação Watoholi e dos veículos que fazem parte do patrimônio da instituição.
Foto: André Lopes / OPAN, 2015.

MANOEL (CHEFE E CACIQUE-GERAL): Com esse recurso do pedágio a gente está pagando o Lúcio e o Pedro, os dois motoristas que trabalham para a comunidade, com 800 reais para cada um. Eles podem fazer o transporte dos aposentados, dos funcionários e fazer o serviço conforme a comunidade quer. No momento a gente está vendo também que tem discussão, claro que eles podem reclamar, mas vamos buscar uma solução.

DARCI: Tirando 800 reais para cada motorista vai ficar 3.400 reais para algum gasto que surgir, não é destinado e muita gente questiona. Sempre que a comunidade pede medicamento, para aquelas pessoas que não têm condições de comprar, a gente autoriza na farmácia. A gente paga também os exames que as pessoas fazem de emergência e também viagens. Se for viagem de reunião é tudo a associação que banca. Pega nosso carro, pega diesel a e pega esse recurso mesmo e vai embora. Conforme a demanda da comunidade, nós vamos atendendo.

GARCIA: Hoje tem duas pessoas que cuidam da piscicultura no Paredão e são pagas com um recurso que a PCH Bocaiúva deposita na conta da associação. Todo mês, eles colocam uns 1.600 reais, daí a gente paga 800 para dois meninos que cuidam e sobra um pouco na conta da associação. Tem um valor anual de 75 mil reais que eles pagam e distribuem uma parte para apoio à cultura, uma parte para a apicultura, uma parte para piscicultura e uma parte para manutenção do carro. Mas esse valor não é depositado na conta da associação, eles mesmo fazem o trabalho e aí mandam o relatório para a associação de quanto já foi gasto.

DARCI: Temos uma casa em Brasnorte. Aquilo é um lote que foi doado e acho que ele está no nome de cinco pessoas, então não é da associação. Eu queria tentar mexer nesse lote para passar a ser da associação. Primeiro vai ter que murar ali, para saber que ele tem dono, e colocar no nome da associação. Aí sim a nossa intenção é construir uma casa de alvenaria bem-feita. Ia servir para os alunos que estudam lá, pessoas que vão fazer um serviço lá, se não deu pra elas fazerem em um dia, elas pousam lá também.

GIOVANI: Já temos uma cooperativa dentro da associação. É por meio da Cravari Energia que fundamos. Por mais que ela não esteja funcionando ainda, a gente tem um escritório em Brasnorte que cuida desses assuntos. Já que tudo isso é pago, é por meio dela que estamos mantendo a Watoholi na questão de declaração, essas coisas assim que tem que ter. Essa cooperativa é anexada à associação e paga vários custos dela. Conseguimos criar uma instituição sem dividir a associação, esse era o meu pensamento.

DARCI: Se comparar a nossa associação atual com o começo quando ela foi fundada, você vê uma diferença grande. Quando foi montada a associação eu era bem criança, mas já entendia o que os adultos falavam: "vamos montar uma associação para termos um carro". Hoje, as pessoas que já passaram pela diretoria não sabem tudo, mas já sabem quais são as suas obrigações. Qual a função do presidente, do tesoureiro, do secretário. Só falta cada um fazer a sua parte, se envolver mais e falar "essa é minha obrigação de fazer". Até hoje nós já avançamos bastante, mas isso não indica que nós temos que parar por aqui. Espero que as pessoas comecem a entender mais e a trabalhar mesmo, para melhorar mais a nossa organização, para que seja mais forte e seja reconhecida mesmo.

DESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

NESSE UNIVERSO dos projetos e atividades da Associação Watoholi e de seus parceiros externos, que levam propostas de trabalho, oficinas e cursos para as aldeias, é muito comum nos depararmos com um intenso interesse inicial dos Manoki, seguido por níveis de desistência muito altos, o que leva a uma grande rotatividade nas mais diversas funções. Essas variações ou "itinerâncias" (em razão de seu caráter periódico, cíclico ou sazonal), são observáveis em muitas práticas cotidianas nas aldeias.

Algumas pessoas nas aldeias têm uma certa resistência e até vergonha em assumir essa característica itinerante como um traço cultural, já que estão sujeitos constantemente a avaliações preconceituosas, como as ideias de "preguiça", geralmente atribuídas às populações indígenas.

Durante a vida dos Manoki diversas fases se sucedem e, com elas, certos afazeres tornam-se mais ou menos corriqueiros, diários ou mesmo imprescindíveis. No entanto, há uma itinerância permanente na maior parte dessas atividades. Apesar de enfatizar as atividades e a produção indígenas num sentido mais econômico, é importante compreendê-las mais amplamente: a produção como qualquer tipo de processo que construa objetos, espaços, seres, situações ou relações de toda espécie.

A intermitência entre ciclos de atividades é muito presente nas aldeias Manoki: dificilmente alguém se dedica a uma só atividade produtiva durante mais de dois anos. Curiosamente esse período é semelhante ao tempo ao qual geralmente se dedica um agricultor em uma roça. Depois de dois anos, com a queda da produtividade da terra, em geral os agricultores indígenas abandonam o lugar da plantação e buscam novas áreas para a derrubada e o plantio.

Era exatamente em razão desse esgotamento dos terrenos de plantio que as aldeias antigas dificilmente se mantinham durante muitos anos num mesmo lugar. Hoje, em contraponto a uma maior fixação espacial das comunidades, temos uma maior rotatividade de afazeres.

Usualmente, quando começam a se aplicar ao aprendizado ou execução de alguma atividade, as pessoas se dizem "animadas" com a sua realização, porém, depois de um certo período, normalmente sentem-se "enjoadas" da repetição desses mesmos afazeres. Nem todas as pessoas necessariamente renunciam à determinada atividade, mas essas situações geralmente são exceções, como os casos daqueles com empregos registrados em carteira trabalhista. Por outro lado, essa estabilidade gera um novo problema, a exemplo da cobiçada opção dos empregos públicos nas aldeias: mesmo "enjoadas" das tarefas rotineiras, muitas pessoas continuam presas às mesmas, não só por conta da dependência que criam da renda mensal, mas também pela responsabilidade que assumem perante à comunidade, nesse sistema de cargos que faz parte de uma estrutura estatal mais rígida.

Estar "enjoado" de algo não costuma ter o sentido de "aborrecido" ou "chateado", mas de enfastiado, cansado da monotonia de afazeres, lugares ou pessoas. Essa sensação gera uma transformação na dedicação a atividades ou uma mudança na permanência em espaços. As pessoas "enjoadas" deixam de se dedicar temporariamente às mais variadas tarefas, tais como roças, hortas, criações de abelhas, galinhas, porcos, gado, construção de casas ou prestação de serviços para a comunidade – tais como a participação em conselhos, na associação, ou mesmo na própria chefia, que também não tende a uma permanência muito longa.

Os recursos financeiros que podem vir de algum trabalho não são decisivos na escolha da continuação ou abandono de uma atividade. A criação de abelhas, por exemplo, sempre ofereceu um retorno positivo aos apicultores, o que não evitou um declínio da atividade depois de um período de alta produtividade. Deixar de fazer algo de certo modo pode ser considerado um tipo de "fracasso" para os Manoki, na medida em que os meios para se reproduzir uma dada atividade podem escassear, sejam eles elementos materiais ou conhecimentos acerca da mesma. Renunciar à plantação de mandioca, por exemplo, e "perder" as mudas para replantá-las, tem acontecido na história recente dos Manoki. Mas apesar dessas renúncias a algum trabalho específico, as atividades não são abandonadas definitivamente, mas sempre podem ser reativadas com o

auxílio de outras pessoas, seres ou, mais recentemente, instituições. A possibilidade de se dedicar novamente à mesma ocupação renunciada, portanto, permanece em aberto.

Essa itinerância produtiva manoki também se relaciona a uma adesão social mais ampla às atividades: dificilmente alguém se dedica de forma solitária a algum afazer, mas em geral se "anima" em razão de visualizar outras pessoas ou famílias realizando a mesma ação. Após perceberem seus parentes ou vizinhos praticando alguma atividade, é comum as pessoas começarem a se envolver também ao mesmo afazer, no desejo de "não ficar para trás". O papel da chefia nesse sentido é essencial, já que são as lideranças que geralmente estimulam outras pessoas a se dedicarem às atividades. A presença (ou ausência) de fatores e agentes externos seguramente influenciam numa maior ou menor adesão social. A motivação gerada por projetos e oficinas, portanto, pode ter um papel parecido com o da chefia, na medida em que eles também "puxam a frente", de certo modo. Além de trazerem os conhecimentos, equipamentos e a infraestrutura necessários, esses agentes externos estimulam as pessoas ao contagiarem um maior número de adeptos para certa atividade, causando um efeito multiplicador da mesma.

É importante lembrar que não existe apenas uma atividade enfatizada num determinado período. Ainda que várias famílias possam se envolver numa certa atividade, cada grupo familiar tem sua própria dinâmica produtiva. Essa diversidade de atividades é fundamental para a geração de diferentes excedentes que podem ser trocados entre aldeias e famílias. Portanto, uma ideia de "autossuficiência" total não faz sentido algum nesse sistema itinerante.

A itinerância produtiva manoki é o oposto de uma ideia de especialização a longo prazo, estabilidade e dedicação profissional em uma área específica durante toda uma vida. Ao contrário do especialista, ela parece trazer consigo um ideal de pessoa caracterizado por uma certa "erudição produtiva", um "saber-fazer" muitas coisas que serão necessárias durante a vida. Na língua manoki essa ideia é expressa pelo termo "*taka'a*", que designa "aquele que sabe". É preciso aprender a plantar, criar (de abelhas a bois), vender, dirigir, concertar, construir, escrever, filmar, gerir recursos em "projetos" e assim por diante. Esse perfil é mais evidente nos homens, sobretudo nos chefes, que se aproximam mais desse ideal de pessoa.

"Dito" examina caixa de abelhas jataí: depois de um período de boas vendas trabalhando com mel, o apicultor "enjoou" da atividade, embora pretenda dedicar-se novamente à ela em breve. Atualmente, algumas famílias ainda trabalham com apicultura. Foto: André Lopes / OPAN, 2009.

Marcelino já foi cacique-geral, motorista e periodicamente realiza trabalhos de pedreiro e agricultor. Em 2010, produziu uma grande safra de abacaxis e vendeu boa parte na cidade, mas não se dedicou mais à atividade.
Foto: André Lopes / OPAN, 2010.

LOURENÇO (MOTORISTA): Assim como o branco trabalha, o índio também trabalha, só que é diferente, né? Porque é uma cultura diferente, por exemplo, o índio hoje trabalha em uma coisa mais formal e amanhã ele vai pescar. E o branco já vê diferente, já fala que índio não trabalha. Mas para o sustento dele ele trabalha sim! Faz sua roça, tem sua alimentação, ele busca caça, pesca. É o jeito de trabalhar, né? Branco, não. Tem uma outra cultura que é tudo no horário: de segunda a sexta, das sete às 11, das 13 às 17 horas e assim por diante. E é todo mundo, aqueles que moram nos sítios têm seus horários, e os que moram na cidade também. Agora, índio é diferente. Ele não está focado só no trabalho. Ele está no serviço, está se divertindo, está pescando. Antigamente o índio derrubava roça, fazia uma roça aqui, depois saía daqui ia lá fazia outra roça e hoje ele não pode mais fazer isso porque tem uma terra cercada, não tem como ele sair.

GIOVANI (EX-PRESIDENTE): A gente acaba enjoando mesmo. Eu não vejo que sou só eu, a maioria das pessoas daqui você percebe que acabam enjoando daquilo que eles fazem também. Eu acho que é uma cultura bem diferente, não é só em uma coisa que você pode viver. Você tem que ir experimentando vários outros tipos de trabalho ou outros afazeres. Eu mesmo, particularmente, eu venho assim: no começo para mim tudo bem, mas vai indo, eu já sei que um dia eu tenho que experimentar outras coisas, outros trabalhos, outros afazeres. Porque, senão, a gente enjoa. Daí pensando nas outras pessoas daqui... "Está na cara" isso! É só prestar atenção! É uma cultura adaptada na gente, você não consegue viver só de uma coisa. Tem projetos que vêm com essa lógica de querer ser só aquilo, e eles vão até um bom pedaço, mas daí pra lá acabam ficando pela metade ou nem terminam.

GARCIA (EX-PRESIDENTE): Aqui o pessoal tem hora que está fazendo um trabalho, depois já está em outro... isso daí tem a ver com essa coisa de liberdade de fazer várias coisas, né? Porque até eu, tem hora que enjoo. Tenho muitas atividades: mexer com abelhas, com roça, vou começar agora com piscicultura, vou criar uns porcos lá em casa. Eu não fico parado, estou mexendo, terminou um e já vou para o outro, assim você não enjoa. Na associação a mesma coisa: se for o dia inteiro, você enjoa. O povo é assim, não quer só mexer com uma coisa, quer fazer outras coisas da vida, ter vários trabalhos. Agora vou mexer com abelha de novo e peixe. A única coisa que eu não quero é ir para fazenda, porque eu já trabalhei muito em fazenda. Enquanto você está lá não falta comida na sua casa, mas depois que saiu, não passa nem um mês e você já não tem mais. Não compensa, melhor você mesmo fazer a roça, ter franguinho aí no terreno, mata a hora que quiser...

ADELSON (PROFESSOR): Você enjoa quando começa a se envolver demais, né? Tem que fazer muita coisa, aí é quando você começa a desanimar "eu preciso ficar em casa um pouco mais". Ou você vai todo animado e faz um monte de coisas, mas chega uma época, um ponto que você começa a pensar: "Eu estou fazendo tudo isso, ajudo todas as pessoas, mas e a minha família? Só vejo a noite, no outro dia já tenho que sair de novo". Você começa a pensar: "vou ficar mais com a minha família, caçar para minha família. Trabalhar e me dedicar para a família".

"PUXANDO A FRENTE": A RELAÇÃO DOS DIRIGENTES DA WATOHOLI COM OS *TIKÃTAS*

O PAPEL DO CHEFE (*tikãta*) nas aldeias Manoki é fundamental, já que são as lideranças que geralmente contagiam as outras pessoas a se dedicarem às atividades, incentivando-as para fazerem junto: nas palavras deles, os caciques "puxam a frente". Essa expressão é usada pelas lideranças das aldeias para legitimar a sua função de mobilizadores das ações do grupo e geralmente traz uma certa exigência pelo reconhecimento de algum feito exclusivo, mas que raramente é reconhecido por todos do mesmo modo. Para desempenhar esse papel, as pessoas devem ter vocação e aptidões específicas, além de ser idealmente filhas ou netas de chefes.

Os Manoki têm um cargo de cacique-geral ocupado por Manoel Kanunxi, também chefe da aldeia Asa Branca, que foi eleito por votação para essa função em 2006, quando substituiu Marcelino Napiocu. Os cargos de chefe (tanto de aldeia, como de cacique-geral), também são flexíveis e podem ser abandonados conforme a circunstância, como já comentamos. Até hoje, no entanto, não há previsão para uma nova troca ou outra eleição para essa função. Antes das relações com a sociedade nacional, não havia nenhum indício de uma chefia desse tipo. Sempre existiu um chefe (*tikãta*) para cada aldeia, que conta com um ou mais ajudantes para auxiliar na execução de tarefas cotidianas e rituais, e também a figura de um líder da "casa dos homens", que é mais responsável pela relação com os "vizinhos" (seres também chamados de "espíritos" que lá habitam). Mas essa função de cacique-geral só passa a fazer sentido a partir das interações com um Estado nacional, que demanda relações com um único representante de uma suposta unidade imaginada na figura de um povo indígena. Além do cacique-geral, existe o cargo de vice-cacique-geral, ocupado por Paulo Sérgio Kapunxi, que também é considerado *tikãta* da aldeia Cravari.

Esses postos gerais atendem mais a demandas externas que internas, já que a atividade mais comum do cacique-geral (e também do vice-cacique-geral) é a representação do povo em reuniões e instâncias políticas, em outras aldeias e, principalmente, nas cidades.

Com a chegada de novos saberes, cargos e instâncias de decisão, atualmente existem outros tipos de lideranças que atuam bastante nas aldeias: coordenadores de conselhos, coordenadores de escolas, coordenadores de projetos, diretores da associação e assim por diante. Os novos conhecimentos e práticas que chegam às aldeias com a associação, por exemplo, criam novos sujeitos ou empoderam pessoas e famílias que, por já possuírem um prestígio social, detêm o acesso à mesma. Justamente por ter consciência desses potenciais ganhos pessoais, quem se interessa e/ou é escolhido para se envolver com a associação é, em geral, oriundo de famílias com maior prestígio dentro das comunidades.

Apesar de ser uma instância de decisões cada vez mais importante, que influencia diretamente a vida de todas as famílias manoki (sobretudo em relação à gestão de recursos e veículos da comunidade), em suas recentes gestões a diretoria da Associação Watoholi parece ter sabido respeitar os chefes e demais lideranças, atendendo suas demandas sempre que possível ao atuar como uma financiadora de membros da comunidade em atividades de interesse comunitário. Ela tem possibilitado a execução de diversos trabalhos por meio de seus recursos, auxiliando as lideranças que não fazem parte de sua diretoria a exercerem seus papeis, sobretudo na participação em reuniões. Em 2015, dois chefes de aldeia ocupavam cargos na associação: Marcelino Napiocu (chefe do Recanto do Alípio e tesoureiro da Watoholi) e Pedro Paulo Tamuxi (chefe do Paredão e vice-presidente da associação).

É interessante perceber nas falas a seguir como os Manoki se preocupam com uma centralização excessiva do poder e arquitetam formas de se desviar dessa unificação demasiada. Ao mesmo tempo, a concentração de funções e cargos numa mesma pessoa, diferentemente do mundo não indígena, não significa necessariamente acúmulo de poder, muito menos ambição pessoal, uma vez que essas lideranças indígenas servem muito mais às suas comunidades do que são servidas pelas mesmas. Esse ofício de liderança algumas vezes chega a ser vivenciado como um fardo, uma carga que poucos gostariam de carregar, tendo em vista os altos custos e os baixos benefícios da função.

MÁRIO (EX-PRESIDENTE): Antigamente se trabalhava através de uma organização do cacique, em conjunto com a comunidade, e todo mundo ia. O que ele falava a gente tinha que obedecer. Porque ele sempre foi uma pessoa mais velha e correta, que estava sempre pensando no que é certo para a sua comunidade. Hoje a associação é uma organização que veio do branco, que mexe com burocracia: tem que escrever, colocar tudo em ordem, não pode faltar nada, não pode errar. São coisas totalmente diferentes, que, por mais que a gente fale "ah, eu vivo no meio dos brancos", a gente está todo dia aprendendo alguma coisa e às vezes a gente esquece. Vai comparar a relação de um cacique 30 anos atrás com a sua comunidade e a relação de uma associação. Isso embola tudo, vira um quebra-cabeça. Hoje é cada membro na sua poltrona sentado, se for possível até escreve: "fulano de tal tem que fazer isso, tem que fazer aquilo". Mas já faz parte da convivência, querendo ou não, tem que se habituar, tem que partir para organização teórico-burocrática, que é totalmente diferente daquela organização de 30 anos atrás.

MANOEL (CHEFE E CACIQUE-GERAL): Eu sou chefe, mas a gente trabalha por várias organizações: a gente tem associação, os gestores que acompanham os projetos dos PBAs, a coordenação da saúde, os conselhos, as lideranças que trabalham. A associação está aí como um órgão, como uma instituição e o chefe fica mais para os casos mais graves. Questões de invasões e homologação da terra nova que a gente está lutando, questão da Funai, de sair para Brasília, discutir sobre esses assuntos da comunidade. Por outro lado, a gente deu poder para todos esses gestores da associação para eles trabalharem, não ficarem me esperando para que eu faça por eles. De vez em quando, a gente está junto com eles, discutindo, vendo, fazendo programações, buscando melhoramento com as associações. O chefe de hoje em dia é isso: ele não vai tomar conta de tudo. Temos os motoristas dentro da comunidade, por exemplo, e eles fazem sua programação de serviço também. Não é o chefe que tem que fazer esse tipo de programação. É assim que a gente trabalha: sempre eles me procuram para a gente estar junto, para gente ter esse apoio. Dessa maneira a gente trabalha junto. Cobrar da associação não é obrigação só do chefe porque as comunidades sempre estão cobrando também.

ADELSON (PROFESSOR): A pessoa mais forte na comunidade é o *Tikãta*. Ele vai conversar com os líderes dele, depois ele vai chegar na associação, para depois eles organizarem esse grupo de pessoas e ajudar na organização. Isso para não chegar um passando em cima do outro. Por exemplo, o cacique-geral é o maior da comunidade, então eu, como presidente de uma organização dentro

da comunidade, não posso passar na frente dele. Eles têm que entrar em contato um com o outro e conversar para todos entrarem em acordo, então fazem. Questão de briga surge muitas vezes. Mas sempre eles tentaram resolver reunindo e conversando.

DARCI (PRESIDENTE): Só tomo uma decisão sozinho se eu estiver em uma reunião em que não tenha como eu comunicar o cacique. É naquele momento que ou você toma a decisão ou você vai atrasar, então eu tenho que falar. Mas eu tomo decisão quando é numa liberação. Por exemplo, nós temos vários veículos. Se alguém falar: "tem como esse carro sair? ", eu vou falar: "se vocês quiserem ir vocês vão", principalmente na questão de saúde. Se não tiver combustível nós damos um jeito de arrumar. Eles vêm, falam comigo e a gente vê. Eu, como presidente, sei separar as coisas: até onde eu posso chegar e até onde eu não posso. Por exemplo, se tiver uma organização grande aqui de trabalho comunitário, eu não vou chegar e organizar. Para isso nós temos cacique. A minha relação com eles é assim: eu converso com eles, e o que eles têm para falar para mim eles falam. Eles, como caciques, têm todo o direito de chegar em mim e falar: "você está errando aqui e ali". Se eu também tenho alguma coisa para falar, eu falo. Para a gente chegar e trocar ideia é tranquilo, não tem nada de diferença. Se me convidarem eu vou participar junto com eles.

JOSÉ FRANCISCO (CHEFE): Você vê o quanto é importante o papel do cacique, da liderança. Porque quando chega o momento de cobrar. Por exemplo, nós temos a saúde, nós temos a educação, nós temos a associação, a terra. Você vê que quando a coisa pega, essas organizações ficam meio de lado e quem vai tomar a frente é o cacique, a liderança. A gente vai, reúne mais algumas pessoas e corre atrás para resolver mesmo. Então, é muito importante o papel do cacique, a gente tem ele como esteio do povo. Você vê que o nome de cacique é muito importante para o homem branco. Por isso que a comunidade tem que valorizar esse cacique que nós temos hoje. Amanhã pode ser outro, mas ele, sendo cacique, tem que fazer o papel dele também.

PAULO SÉRGIO (CHEFE E VICE-CACIQUE-GERAL): A associação respeita os chefes. Tem momento que nós vamos mesmo e eles sempre atendem a gente com a estrutura para ir em reunião. Quando a gente organiza, a gente vai até o fim, e, quando eles organizam, eles sempre chamam a gente. Quando eles não conseguem chegar, eles têm que buscar os chefes porque a gente tem conhecimento de luta muito mais forte! Eles já são mais no documento, mais na conversa e a gente sabe que têm momentos que tem que ser muito mais firme, tem de peitar. O poder maior está com a gente, com os caciques, principalmente nas

questões mais difíceis, mais pesadas, coisas de fora. Mas as coisas mais simples, aqui de dentro mesmo, a gente deixa mais para associação decidir: todas essas coisas de carro, combustível, esse tipo de coisa eles comandam. A gente tem que começar a dividir mais as tarefas também, senão um presidente sozinho não vai conseguir dar conta de tudo. Hoje, quem está na gestão ganhou um bolo pronto, agora eles têm que fatiar e dividir. A demanda da associação hoje é muito grande, antes não tinha todo esse patrimônio. Então hoje a gente só quer dar força para a associação.

Nós só vamos intervir o dia em que a gente ver que eles não estão fazendo certo, para consertar. O trabalho para a comunidade tem que ser transparente, nós só vamos crescer com isso. Numa associação que não presta conta, que não tem reunião, em que o presidente não é envolvido na comunidade, vai cair o dinheiro e a comunidade nem sabe. Vai ter só aquela briga, aquela desunião, só vão ficar falando mal um do outro, que o presidente está roubando. Nunca vai para frente. Por isso todas as coisas da comunidade têm que ser transparentes. Isso mudou bastante. Hoje quando nós, chefes, vemos que alguma coisa que já está passando, a gente fala: "presidente, nós queremos reunião. Você vai explicar o que está acontecendo". Eu fico por dentro de tudo e se tiver um erro a gente fica em cima.

PEDRO PAULO (CHEFE E VICE-PRESIDENTE): O *Tikãtá* tem que organizar o nosso trabalho, fazer essa articulação com a comunidade, representar a comunidade fora e passar informação para a comunidade sobre o que está acontecendo, esse que é o papel dele. Só que esse trabalho não é só trabalhar. A gente tem que contar história, ficar rindo, fazer piada para as pessoas... O *Tikãtá* não pode ficar só mandando, ele tem que estar junto a todo momento. Não é chegar e falar: "você não está trabalhando, se não quiser trabalhar, vai dormir na sua casa", não é para fazer isso. Ele tem que conquistar as pessoas. No momento do trabalho ele tem que estar lá, tem que fazer piada, brincar com o pessoal, né? É importante não deixar o pessoal triste.

Eu, por exemplo, quando estou na aldeia, estou aqui como chefe. Amanhã ou depois eu estou com o pessoal representando a associação, então eu sou representante da associação. A associação está de igual pra igual com os chefes. Tem que ter esse equilíbrio. Estão vindo novos carros, e, na ideia de um cacique, ele quer colocar um carro na responsabilidade dele. Nós da associação vemos que não é necessário e conversamos com eles que não tem como porque esses carros são da associação, são um bem coletivo. A comunidade confia mais em deixar uma responsabilidade de um bem com a associação. Até porque todas as coisas que quebram, depois eles correm para a associação.

ALEIXO (EX-PRESIDENTE): Tem que ter essa participação de liderança, de dar opinião, como é que pode executar o projeto. Mas eu acho que nos últimos tempos ficou vago isso, deixaram a associação lá. Ela tem que fazer prestação de contas, correr atrás de recurso e as lideranças acabaram ficando um pouco afastadas ultimamente.

MARCELINO (CHEFE E TESOUREIRO): No caso da associação, hoje em dia, ela tem mais poder jurídico. Agora, para tomar decisão, aí o cacique também tem poder para isso. Por exemplo, se a associação vai fazer um trabalho, ela em si não pode pegar e fazer, ela tem que ter o aval do cacique da comunidade. A associação é mais para trabalhar o jurídico e os caciques são mais para trabalhar a execução dos trabalhos com as comunidades. Por exemplo: vai fazer uma roça esse ano, a associação não vai falar que vai lá fazer e faz. O cacique, com as comunidades, se reúne e define quais os lugares que têm que fazer, o tamanho da roça, o tempo, mas justamente com a presença da associação. Ali eles vão ver o que vai precisar para bancar esse trabalho, de onde é que vão achar recurso para contribuir com esses trabalhos. Aí a associação está ali do lado, presente para isso. É um aparato de recursos financeiros. Seria mais uma ferramenta que ampararia as comunidades.

PAULO MARCOS (EX-PRESIDENTE): Aqui dentro nós temos uma pessoa escolhida pela comunidade, um mestre que puxa o ritual, a nossa festa cultural. Então essa pessoa vai e marca futebol de cabeça com o pessoal dos Myky, marca festa cultural aqui dentro da comunidade Manoki e os Myky vêm participar. Essa pessoa tem a roça de toco da comunidade para fazer, tem que marcar o dia, ver a alimentação. Aí essa pessoa passa para a associação e ela corre atrás do recurso para esse tipo de trabalho.

PEDRO: Se eu fosse mais entendido na época, que nem hoje eu sou, eu não tinha pegado esse negócio de chefe! Quando eu entrei, pensava que um chefe iria ser mandachuva e não ter responsabilidade com a comunidade. Mas eu vi que todas as coisas que acontecem de errado é o *Tikãtá* que leva. Eu já conversei com o pessoal que eu queria deixar para outra pessoa a responsabilidade, mas agora o pessoal está sendo entendido, ninguém quer pegar...

Acima, o chefe da aldeia Paredão, Pedro Paulo Tamuxi, organiza e contagia as pessoas para o trabalho coletivo de construção de casa comunal.
Foto: André Lopes / OPAN, 2015.

Manoel Kanuxi, "cacique-geral" do povo Manoki, faz uma fala durante encontro de mulheres indígenas realizado em parceria com a OPAN.
Foto: Mel Mendes / OPAN, 2015.

A WATOHOLI E AS COMUNIDADES QUE REPRESENTA

ENTRE OS MANOKI, assim como em outros povos indígenas, as aldeias são unidades politicamente autônomas, portanto, a noção de "povo" e a ideia de unidade que ela carrega muitas vezes são mais uma figura adequada à interlocução com os não indígenas e suas instituições. Ao mesmo tempo, essa imagem de unidade circunstancialmente também pode surgir não só em contextos de reinvindicações políticas, mas também em momentos de reflexão e discussão entre os próprios Manoki ou mesmo durante grandes rituais, quando efetivamente pessoas de várias aldeias se reúnem em um mesmo lugar. Nesse sentido, usa-se muito a expressão "a comunidade", no singular, enquanto uma forma que engloba todas as aldeias.

As atividades e trabalhos usuais, por sua vez, normalmente são executados nas unidades de produção cotidiana, que são as famílias manoki. Desse modo, os chefes de cada comunidade aparecem como importantes figuras de mediação entre essas famílias locais e outras instâncias mais gerais de representação. Quando vão para reuniões importantes, por exemplo, os Manoki têm uma preocupação de envolver todas as aldeias que fazem parte de sua terra indígena, sobretudo os chefes das seis maiores comunidades.

A questão que se coloca nesse tópico são as relações entre essas diferentes instâncias, coletivos e pessoas: afinal, como a Watoholi tem se articulado com as comunidades e seus membros, atendido suas demandas, correspondido a seus anseios, permitido a sua participação e representado as opiniões dessas tantas pessoas, os chamados "associados"? Uma palavra-chave para entender esses caminhos complicados, cheios de encontros e desencontros, é "projeto" – uma palavra que, quando pronunciada, por si só já pode gerar polêmica nas aldeias manoki.

EDIVALDO (PROFESSOR): Antes a associação era somente o nome, bem quando começou, as pessoas que entraram na diretoria eram mais para dar os nomes e formar a associação. E aí, lógico que o poder de participação maior era mesmo da comunidade que organizava tudo, fazia praticamente todo trabalho da associação. De um certo tempo para cá, as pessoas foram entendendo mais, chegaram os bens da associação que precisam ser cuidados, né? Acho que, com isso, a comunidade já foi deixando o poder de decisão e hoje parece que está o contrário. Hoje quem está organizando é o pessoal da diretoria que faz os trabalhos todos.

LUCIMAR (AUXILIAR DE ENFERMAGEM): Primeiro a comunidade tinha poder, falava: "o carro vai ficar com essa pessoa e a gente vai trabalhar assim". Hoje não, o carro está na responsabilidade do presidente da associação, ele que determina. Se você quiser algo, vai lá e conversa com ele. Combustível é a mesma coisa. Centralizou só no presidente da associação e em alguns membros. Antigamente não era assim, todo mundo podia falar, dividia certinho e agora ficou mais centralizado. Antes tinha mais acesso ao carro, era mais fácil você sair. Hoje fica mais difícil porque você tem que ir lá pedir. É muito ruim você estar pedindo todas as coisas, tipo mendigando, né? Eu prefiro nem pedir, só peço quando precisa mesmo. Essa centralização tirou a autonomia da comunidade no geral.

EDIVALDO: Não tem como todo mundo mandar. Se deixar assim acaba descontrolando, virando bagunça. As pessoas que estão hoje na associação estão ali para organizar o trabalho dela, mas é lógico que as ideias de todas as pessoas são bastante importantes e o trabalho da diretoria só vai ser bom quando tiver a participação de todos. Participando, conversando com as lideranças tradicionais, dando opinião, falando o que está certo e o que está errado na prestação de contas. Tem que ter principalmente a diretoria para organizar os trabalhos, porque daí se deixar para a comunidade. Você vê que tem os bens: computador, datashow, telão, carro da associação, carros da comunidade. Tem que ter pessoas responsáveis, não deixar livre assim: "A comunidade decide, a comunidade vai fazer o que quer", dessa forma não funciona.

PAULO MARCOS (EX-PRESIDENTE): A associação hoje somos nós mesmos. Tudo que tem dentro da associação não é dos membros que estão ali, é da comunidade. Aqui dentro é a comunidade que decide o que vai ser feito com aquele dinheiro que tem dentro da associação, que os membros estão trabalhando. Eles procuram informação, aí a comunidade autoriza e os membros só vão lá gastar no que precisa. Depois disso tem uma prestação de contas geral.

O jovem Edinei costuma caçar para sua família, sempre combinando com os parentes de sua aldeia os trajetos a serem percorridos e os veículos a serem utilizados.
Foto: André Lopes / OPAN, 2014.

PEDRO (CHEFE E VICE-PRESIDENTE): Nós, da diretoria, não queremos beneficiar só uma família ou algumas pessoas, a gente quer pegar todo mundo. Mas muitas vezes a gente faz as coisas e não agrada o pessoal. Você faz para um e desagrada o outro. Essas pressões que a gente sofre, a gente desanima também. Nós, indígenas, somos acostumados a ganhar as coisas prontas, querem que a gente plante e colha já. As pessoas falam "não vai dar certo", mas esforço nós fizemos, orientamos e animamos as pessoas que nós íamos fazer isso, depois aquilo, para o futuro das crianças, a gente queria ver elas com canavial, mandiocal. E hoje a gente vê o pessoal trabalhando com isso só na aldeia Treze de Maio. Você pode andar em todo lugar que a gente trabalhou: é um serviço perdido. Mas quando a gente dá oportunidade para as pessoas, faz um trabalhinho para elas, elas têm que aproveitar, têm que se esforçar também.

PAULO MARCOS: Existe a comunidade, mas existem grupos de pessoas querendo trabalhar de uma forma, cada um puxando para um lado. Uns querem criar peixe, uns querem criar galinha, uns querem criar cachorro, outros querem criar gato. Cada um quer trabalhar de um jeito. Por exemplo, minha mãe trabalha com horta, e para a horta precisa de óleo diesel e de carro para buscar esterco. Aqui eu já estou querendo mexer com abelha, fazer uma coisa totalmente diferente. Parece que é pertinho, só que se você chegar e escrever um projeto para mim e para minha mãe vai dar uma diferença grande. Por isso que hoje em dia não adianta ninguém dizer "vou escrever um projeto para toda comunidade criar peixe", não vai dar certo.

PAULO SÉRGIO (CHEFE E VICE-CACIQUE-GERAL): Muitas vezes vêm recursos em um projeto que é jogado fora porque não existe um projeto assim para toda a comunidade, isso existiu muitos anos atrás. Hoje não existe mais. Veio a evolução, veio estudo, veio escola, emprego, aposentadoria... esse tipo de coisa mudou a nossa visão. Projeto bom é aquele que senta com cada família e pergunta o que cada uma quer. Aí sim a gente consegue beneficiar todo mundo.

MARCELINO (CHEFE E TESOUREIRO): O financiador do projeto vai ver o povo Manoki no geral. Mas cabe a cada comunidade dentro do povo fazer o seu projeto conforme a sua realidade para depois apresentarmos juntos para o financiador. Então, para gente trabalhar dentro da comunidade Manoki, tem que fazer levantamento de cada família, e depois inseri-los no projeto da comunidade, da aldeia Cravari, por exemplo. E assim sucessivamente, com outras comunidades também. Se vier no geral, a família talvez não vai ser beneficiada, mas se vier por aldeia, aí esse benefício pode chegar até essa família. Assim eu acho que você vai beneficiar todas as famílias.

LOURENÇO (MOTORISTA): Tem que ter acompanhamento e elaboração dos projetos junto com o povo. Não só o pessoal da diretoria porque a comunidade tem que estar ciente do que é que ela vai fazer, do que é que ela vai pedir, para lá na frente não sobrar só para uma, duas ou três pessoas. Porque se for só com algumas pessoas eles vão dizer: "ah, eles que fizeram o projeto, não estou nem aí, não é do meu interesse, nem sei como é que vai funcionar".

MANOEL (CHEFE E CACIQUE-GERAL): Hoje em dia a associação é um órgão que a gente sempre está precisando porque a gente confia nela. Nós temos essa arma, que é a associação, para trabalhar em benefício das comunidades mesmo, não trabalhar conforme ela quer. Ela também tem que ter as participações das comunidades para trabalhar bem, especialmente nas questões de prestações de conta. Hoje todos nós somos obrigados a participar da associação, nem que não for gestor, você é uma pessoa da comunidade, e, conforme for, você está aí para ver as soluções. Todos dentro do conselho de saúde, do conselho escolar são obrigados a participar e quem é funcionário tem mais responsabilidade porque serve às comunidades diretamente e tem que participar para informar sobre o que ele está passando dentro do seu trabalho. A associação é o primeiro lugar que eles têm que estar juntos.

MÁRIO (EX-PRESIDENTE): Quando tem uma reunião, não pode faltar um membro de cada comunidade. Mesmo se não vier o chefe, sempre tem que estar presente algum membro de cada aldeia, para dar opinião, para a gente discutir o assunto e chegar a uma conclusão para passar para os outros da comunidade dele. E também viajar com mais gente dá mais força.

PAULO MARCOS: Para discutir com o município ou com o distrito, por exemplo, geralmente junta uma pessoa de cada comunidade. Isso é quando reúne a comunidade grande. Quando tem festa cultural também reúne muitos de todas as aldeias. Nós, Manoki, somos obrigados a participar.

ADELSON (PROFESSOR): Sempre que alguma pessoa da comunidade precisa, ela vai na sede da associação. Se ela está precisando, chega lá e fala com o presidente e com o tesoureiro que eles ajudam. É um braço direito da comunidade que sempre está apoiando, quando a comunidade sempre precisa, eles correm ali e tentam solucionar seus problemas. Não é toda vez também, é quando você não tem mesmo, é onde a gente corre e pede ajuda.

DARCI: (PRESIDENTE): No meu entender, se aquela família está precisando, vamos ajudar. Agora se eu tenho meu salário, se minha família precisar de um exame que é 100 reais, eu não vou correr atrás da comunidade, eu tenho consciência que dá para eu pagar, então eu vou lá e pago.

LUCIMAR: Ainda tem pessoas que só ficam aqui na aldeia, não têm visão para fora, não dão muita importância para uma reunião, não sabem o que significa... eles só querem receber. E a associação é importante, porque a gente tem como trazer os recursos para dentro da comunidade. Eu acho que a associação é o centro de tudo.

MARINA (EX-TESOUREIRA): Acho que para aqueles que não participam da associação, ela não significa nada. Só que sem a associação a comunidade não é nada, não tem poder de buscar as coisas. Hoje tem até algumas pessoas que entendem, mas eu acho que falta também o pessoal da diretoria conversar mais, e envolver mais os velhos e os jovens. Depende de as pessoas conversarem e tem que ser bem animado também. Se for uma pessoa que não conversa, que não brinca e que não se envolve muito, aí eles não vão.

MARCELINO: Cada pessoa entende o projeto de forma diferente, mas tem algumas que entendem de uma forma errada porque elas não participam. As pessoas que ficam olhando de longe e não propõem as suas ideias, para elas o projeto não é certo. Porque ela não participou de sua criação.

PEDRO: Muitas vezes eles acham que o projeto que a associação pega é dinheiro. Todo mundo fala isso. Eles acham que é dinheiro, mas não é, a gente pega ele escrito em projeto, né? A gente coloca lá: plantação de mandioca, combustível para levar o pessoal para fiscalização, uma diária de um motorista, e assim vai.

MARCELINO: O projeto é uma iniciativa do trabalho, um apoio para você iniciar os trabalhos que você tem que fazer. Muitas pessoas não vêm esse lado, por isso que muitas pessoas são contra projeto, porque elas não têm esse conhecimento. O projeto são várias formas de trabalho. Por exemplo, o projeto não é só aquele trabalhado com o recurso: para eu caçar eu tenho que projetar também. Eu não vou falar que vou caçar e sair para o mato sem nada, você tem que planejar pra você trabalhar.

As pessoas demandam constantemente o uso dos carros para a circulação entre diferentes aldeias e cidades da região.
Foto: André Lopes / OPAN, 2015.

A POLÍTICA INTERNA E A QUESTÃO DAS "TURMAS"

PARA FALAR DE SEU PASSADO RECENTE, os velhos Manoki empregam uma divisão interna a seu povo que se baseia em "turmas" (termo traduzido como "*jumali*", que também traz o sentido de "juntos"). A classificação pode ser aplicada de modo bem flexível, mas geralmente se refere às pequenas unidades sociais que levam o nome de seu chefe ("turma de Acácio", "turma de Antônio" e assim por diante). Esse tipo de divisão em "turmas" tem sido utilizada, na atualidade, levando-se em consideração, sobretudo, um critério geográfico: a "turma" ou "região do Paredão" e a "turma" ou "região do Cravari" são as formas pelas quais esse tipo de diferenciação interna dos Manoki têm sido atualizada pelas novas gerações.

Nas proximidades dessas duas maiores comunidades existem algumas aldeias menores. À medida que a população cresceu e os grupos familiares foram se fragmentando, ao somar essas comunidades-satélite com os dois maiores polos, hoje contam-se sete aldeias (*mâkju'u*) na Terra Indígena Irantxe: perto do Cravari estão as aldeias Treze de Maio, Doze de Outubro e, mais afastada, a Asa Branca; e próximas da aldeia Paredão ficam as comunidades do Perdiz e do Recanto do Alípio.

Dependendo das circunstâncias, essas duas populações podem estabelecer relações de rivalidade e competição entre si, acionando certas características ou qualidades para se diferenciarem reciprocamente. Em relação à Associação Watoholi, as tensões e conflitos provocados por essa diferenciação das "turmas" não poderia deixar de aparecer. De fato, já haviam ocorrido algumas menções de separação, mas que até então nunca haviam se concretizado.

Homens das “turmas” do Paredão e do Cravari costumam montar equipes distintas para disputar jogos de futebol aos finais de semana. Foto: André Lopes / OPAN, 2015.

Um dos motivos mais relevantes que mantinham as diferentes "regiões" e aldeias com uma única associação era o fato dos representantes das comunidades se revezarem na diretoria e comporem chapas mistas que contemplassem mais de uma "turma" em cada gestão. No entanto, uma nova associação foi criada pela "região do Paredão", e a partir de agora, o estatuto da Watoholi deve ser alterado para se adaptar a essa nova situação. Nesse caso, a Associação Watoholi será responsabilidade apenas da "região do Cravari", enquanto a nova associação será gerida por representantes da "região do Paredão" para atuar com atividades somente naquelas aldeias. Mas nada garante que esse novo quadro que se desenha seja duradouro.

MARINA (EX-TESOUREIRA): Nessa questão das turmas, sempre a gente fala quando vai trocar a diretoria: "pega um daqui, um de lá". As informações que vêm para a associação, o trabalho não fica concentrado só num lugar porque também isso depende das pessoas que trabalham lá na associação. Tem que se mover para a associação ir para frente. Se você ficar parado só em um lugar, aí a associação não anda. Por isso também é importante ter uma pessoa representante de cada aldeia trabalhando na associação porque cada um leva a informação para sua aldeia, fala como é que está, conta as dificuldades...

GIOVANI (EX-PRESIDENTE): Como é uma instituição que acaba ficando mais focada em uma aldeia, ela sempre tem que estar tomando cuidado, ter essa dimensão da diversidade, apesar de que é um povo só. Existem pessoas de tal comunidade que estão sempre ali no pé da instituição, mas você não precisa estar atendendo sempre. Se um dia você já beneficiou, não tem que ter medo de conversar e dizer: "eu já fiz tal coisa pra vocês aqui, vamos agora olhar pra outra região". Tem região que não exige seu direito, não solicita coisa alguma.

EDIVALDO (PROFESSOR): Eu sempre reforço o povo Manoki como exemplo para os outros povos porque, apesar dos recursos que já entraram e que têm, a gente continua com a mesma associação, o mesmo número de aldeias. Lógico que a tendência é aumentar as aldeias e a associação também, mas a gente continua com as mesmas. Em outras terras, todos já se dividiram fizeram outras aldeias por brigas e por querer recurso que vem pra associação, pelos PBAs que vêm, estão se dividindo por causa disso. Eu sempre lembro para o pessoal, como estratégia para a gente não se separar e manter o nosso. Não vamos nos dividir, vamos nos fortalecer.

PAULO MARCOS (EX-PRESIDENTE): Sempre nós conversamos com amizade com o pessoal do Cravari e com o pessoal do Paredão, estamos sentando e conversando com as comunidades para nós vermos um futuro melhor para todos. Quanto mais gente tiver numa associação só para escrever um projeto é melhor do que duas associações, uma comunidade dividida. Se você escrever um projeto por duas associações, qual vai ser aprovado? Nenhum. Melhor ter só uma e mais gente, daí essa associação escreve um projeto grande, para essas comunidades todas e assim vai funcionar bem.

LUCIMAR (AUXILIAR DE ENFERMAGEM): Mesmo que exista muito desentendimento dentro da comunidade, ainda eles vêem que a união faz a força. Uma comunidade pequena, uma família só não tem o poder de mandar um projeto. Tendo a comunidade, todo mundo assina e valoriza. Por isso que até hoje a gente briga muito para que não divida. A gente tem que trabalhar juntos para conseguir coisas. Você sabe que hoje o branco faz o projeto em cima de pessoas, em cima de números. Se o número for pouquinho, se for poucas pessoas, ele não consegue. Por isso que até hoje a associação é uma só. É porque a comunidade valoriza a união, não quer ser dividida. É para conseguir mais coisas, mais recursos, ter mais força.

ADELSON (PROFESSOR): Hoje em dia a associação ainda é forte na comunidade porque vários líderes têm muito muito diálogo e proximidade um com o outro nas conversas. Eu acho que a associação até hoje não se dividiu por essa questão. Minha preocupação maior é no enfraquecimento do povo, por questão do "branco" lá fora. Se dividir, fica um grupo para lá e outro pra cá, aí a preocupação da gente é com o povo de fora. É que nem aquela questão: uma vara só, pode quebrar, mas se você colocar um monte junto vai ser muito mais difícil. É a mesma coisa com a gente: se ficar dividindo em vários grupos, um outro povo pode derrubar ele porque ele está sozinho, mas se juntar todo esse grupo é muito mais difícil derrubar do que um só. Por isso não teve essa divisão até hoje.

EDIVALDO: Faz um tempo, o pessoal do paredão queria montar uma nova associação lá. Eles disseram que essa associação não estava dando certo, então eles queriam uma associação para eles. Já estavam até arrecadando dinheiro para poder arrumar e registrar tudo. Aí uma das coisas que eu falei, que esse pessoal que mora aqui no Cravari concordou também, foi: "já que não estava dando certo e eles queriam criar uma associação, eles poderiam pegar a Associação Watoholi e a gente ficava sem nada" porque a gente não tinha interesse de fazer uma outra associação. A gente falou: "a gente sai fora e vocês colocam pessoas de vocês e pronto. Não precisa criar outra associação". Aí depois eles não quiseram e continuamos com a mesma associação.

Homens das diferentes "turmas" contam os votos
para a eleição dos membros da nova diretoria.
Foto: André Lopes / OPAN, 2014.

PEDRO (CHEFE E VICE-PRESIDENTE): Teve uma época em que até montamos uma associação e deixamos de regularizar para ficar com essa. Por que a gente ficou? Porque a gente quer estar unido, ver todo mundo trabalhando junto, apesar de que, de vez em quando, tem uma coisinha ali, mas sempre a gente quer ver pessoas unidas, brincando, né? Na tristeza também, de repente morre um parente, mas a gente sempre quer estar unido. É com união que a gente vai chegar, vai conseguir as coisas. Se nós não tivermos união, a gente não vai chegar em lugar nenhum. É isso que a gente está pensando pra 2016.

JOSÉ FRANCISCO (CHEFE): Na época era muito bagunçado e tinha muita confusão. Foi quando o pessoal da nossa região pensou que o Perdiz, o Recanto e o Paredão podiam formar uma associação nossa. O pessoal do Cravari já estava pensando que não poderia acontecer isso, né? Foi quando a gente tentou acertar as coisas de novo e começamos a pensar em segurar uma só associação. Mas isso também depende de como é que vai acontecer lá na frente, porque a gente não sabe o dia de amanhã.

UMA NOVA EXPERIÊNCIA NO HORIZONTE: A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES

EM MARÇO DE 2015, na aldeia Cravari um grupo de mulheres fundou uma associação chamada Namy Manãnju (nome que pode ser traduzido como "Mulheres trabalhadoras"). Essa organização exclusivamente feminina já vinha sendo concebida há alguns anos, uma vez que, além de existirem instituições semelhantes entre outras populações indígenas da região, muitas atividades de homens e mulheres Manoki diferem entre si e, ao mesmo tempo, se complementam no dia a dia. O processo de legalização da nova associação conta com o apoio de um PBA para compensar os danos socioambientais da empresa EBTE, responsável pela construção da linha de transmissão de energia. Sua criação não foi uma unanimidade e não será tarefa fácil achar pessoas que possam se dedicar para que a instituição entre em atividade e execute propostas de trabalho, mas, mesmo assim, existem expectativas positivas a seu respeito.

MARINA (EX-TESOUREIRA): Eu trabalhei seis anos na Associação Watoholi e depois que eu saí, eu refleti: "acho que a mulher é um pouco mais responsável pelas coisas da associação". Eu acho que elas têm muito mais paciência no trabalho. Até nas coisas mais voltadas para seus afazeres de casa, na aldeia, algum trabalho.

PAULO MARCOS (EX-PRESIDENTE): Sempre o homem puxou o lado mais de fiscalização, caçada, pesca. Com a associação das mulheres organizada, vai ter uma pessoa para puxar a frente e elas vão conseguir um projeto de plantio de mandioca, cana, fazer farinha, vender para fora. Com certeza vai ser um trabalho bom!

MARINA: Agora a dificuldade maior da mulher participar da associação é de cuidar dos filhos em casa. Às vezes a gente tinha que pagar alguém para cuidar deles, lavar roupa, fazer o serviço de casa... no resto acho que eu não via dificuldade.

GIOVANI (EX-PRESIDENTE): O pessoal mexia muito com artesanato, principalmente as mulheres. Foi aí que houve essa ideia de fundar uma instituição das mulheres, delas mesmo se organizarem entre elas. Porque hoje a Watoholi é bem geral, está mais envolvida na política, nos projetos de buscar alguma parceria, na organização da comunidade e na representação fora.

MARCELINO (CHEFE E TESOUREIRO): Essa nova associação é jurídica, então ela vai ser uma divisão. Porque é uma outra instituição dentro do próprio povo. Em termos de trabalho, ela vai ser mais dividida ainda na prática, se os componentes, dentro de cada instituição, não se comunicarem, não trocarem ideias, não buscarem conhecimentos um do outro. Aí sim vai ser dividido, porque ela, em si, já é uma outra instituição. Nessa criação da associação das mulheres talvez pode ser mais difícil ou mais fácil de se trabalhar também. Para a associação Watoholi é muita responsabilidade, e se criar essa associação talvez possa diminuir, passando um pouco da responsabilidade para a associação das mulheres. Talvez elas queiram trabalhar mais o artesanato. Então essa responsabilidade já sairia da associação Watoholi.

MARINA: Acho que essa nova associação é uma divisão mesmo, deveria ser juntas as duas associações. Até mesmo pra gente fortalecer essa organização da Watoholi, já que o objetivo das mulheres é mais pra trabalhar com artesanato.

GIOVANI: Eu não sei como está o estatuto delas, mas, na minha visão, poderia ter um departamento das mulheres na própria Watoholi. Se fundou uma instituição, fundou para corresponder a um grupo de pessoas, então eu acho que já está competindo. Eu fui uma das pessoas que observei e eu não aprovei. Pessoalmente eu não aprovo, mas por ver que elas querem se organizar do jeito delas, poderiam ter um departamento só delas, e a Watoholi dando todo esse suporte, esse apoio. Assim talvez fosse muito melhor. Menos dor de cabeça para elas... Mas fizeram, né?

PAULO MARCOS: Tem sempre algum dos homens que vai dar palpite na associação das mulheres e sempre as mulheres deram palpite na Associação Watoholi. Assim eu acho que nunca vai dividir, porque sempre as mulheres vão procurar a opinião dos homens e os homens sempre vão procurar a opinião das mulheres.

Gleicivane, com suas pernas pintadas, exibe sua bela criação para enfeitar um pen drive.
Foto: André Lopes / OPAN, 2014.

Mulheres Manoki e Myky dividem a carne e o beiju oferecidos aos Vizinhos.
Foto: Rominne Freire, 2015.

Mulheres Manoki apresentam sua dança para representantes de outros povos durante encontro na aldeia Cravari.
Foto: Mel Mendes / OPAN, 2015.

ALGUNS DESAFIOS DA ASSOCIAÇÃO

ATÉ QUE PONTO SERIA POSSÍVEL ou necessário construir uma associação que se assemelhe aos padrões institucionais e operacionais não indígenas? As diferentes adaptações ameríndias ao modelo de organização de uma associação não são fáceis nem definitivas, mas se dão num contínuo processo de tentativas, experimentos, invenções, conflitos e transformações que são relatadas neste tópico. Dentre os principais desafios enumerados estão o desinteresse dos mais jovens pela associação, a necessidade de um melhor entendimento, confiança e transparência entre os membros da diretoria e as demais pessoas das comunidades, a carência de processos de formação para a diretoria e seus futuros membros, além da necessidade da Watoholi captar mais recursos para a sua manutenção. Mas existem muitos outros assuntos que os Manoki chamam a atenção...

CLAUDIONOR (PROFESSOR): Hoje, eu vejo não somente a associação, mas o povo em si, ainda com aquela visão de muitos tempos atrás, no que se refere à organização. Hoje, de uma organização cultural praticamente nós já pulamos para uma outra fase e ainda a gente não caiu na real. É claro que não é da nossa cultura, mas, querendo ou não, se a gente quer uma política forte, nós temos que fazer parte dessa política e conhecer mesmo. Hoje a comunidade fala que a associação tem que buscar conhecimento, projeto, tem que trabalhar para sustentar a própria associação e o povo. Então já mudou, mas muitas coisas que estão acontecendo dentro dessa associação não estão de acordo com funcionamento de uma organização, seja ela indígena ou não. Sempre quando a gente se depara com as situações que não são indígenas, querendo

ou não, nós temos que adequar e adaptar dentro dessa política não indígena. Então, infelizmente hoje nós temos que buscar essa mudança. Quando falo em mudanças não me refiro às práticas culturais tradicionais do povo, porque isso a gente não quer mudar. Mas para manter a sobrevivência do povo, no que se refere a direitos, lutas, movimentos, com certeza isso nós podemos conseguir através da associação. A associação, para mim, funciona igual a uma empresa, onde diariamente as pessoas estão ali trabalhando, organizando e assim vai. Hoje, se nós próprios indígenas quisermos que essa associação funcione de verdade, como uma empresa que está ali direto trabalhando com o povo, eu acredito que as pessoas que são escolhidas pela comunidade têm que ser valorizadas, não ter vínculo com outros tipos de cargo, e eu vou até mais longe: essas pessoas tinham que ter pelo menos um salário. A associação deve ser um trabalho específico, porque é uma organização do povo, e o povo é tipo um município, que tem o prefeito, o estado que tem o governador. Nós falamos bem a língua portuguesa, entendemos a política dos não índios, então falta essa organização, para a gente não ficar mais na dependência.

GARCIA (EX-PRESIDENTE): Muitas vezes você precisa sair para resolver coisas e você não consegue, você tem que ir de novo, mas muitas vezes você não tem de onde tirar algum dinheiro. Isso aí desanima, não é para qualquer um. Pelo menos o presidente, o secretário e o tesoureiro tinham que ter alguma coisa para eles trabalharem. Uma mixaria que eles ganhassem já ajudava. Do jeito que está fica prejudicado, pois tira da família, dos filhos o que tem que ter para sustentar a casa. Por isso que muitas vezes a associação fica parada. Muitas vezes tem uma coisa importante para fazer e você não consegue, porque não tem como.

JOÃO OSVALDO (TÉCNICO DE ENFERMAGEM): Até hoje a associação não escreveu um projeto grande por ela mesma. Então, acho que por esse lado ela foi bastante fraca. Agora ela está executando esses projetos que vêm dos PBAs, e o patrimônio que ela criou foi por conta desses PBAs. Se ela adquirisse os projetos, o patrimônio, a sede dela, com recursos que ela mesma captasse, que ela mesma corresse atrás, aí ela tinha andado bastante. Tinha dado um passo além do que ela está hoje.

CLAUDIONOR: Hoje a associação não tem um fundo para gerar o seu próprio recurso. A gente sempre vê que é sempre só receber, tipo depósito. E para mim isso não é certo. A própria associação tem como gerar o seu próprio lucro. Se essa associação for bem montada e organizada, nós saímos ali no mato e catamos sementes, produzimos e pela associação nós conseguimos vender e assim a associação cresce. Falta vontade de querer puxar a frente.

MÁRIO (EX-PRESIDENTE): A nossa diretoria troca muito cedo. Troca bastante e, tipo assim, dá impressão de que ela está sempre começando do zero. Isso prejudica muito a diretoria. Quando começa a pegar o ritmo do serviço, já tem que recomeçar de novo. É sempre assim.

ADELSON (PROFESSOR): A sede precisa melhorar, precisa de mais computadores para as pessoas que estão trabalhando ali, um espaço maior. Uma sede bem estruturada, onde a gente possa acessar informação de edital, com telefone direto. Temos que arrumar uma internet de boa qualidade também. Assim a associação vai estar mais antenada com o mundo de fora, nessa questão de política mesmo, de perder o nosso direito no meio do branco, né? A associação tinha que estar mais a par disso, se envolver mais, procurar mais saber sobre as leis.

DARCI (PRESIDENTE): Uma coisa que tem que melhorar são os cuidados com os equipamentos. Você dá valor para a coisa quando você mesmo tira do seu bolso e paga, daí você dá valor. Mas quando só vê que chegou, não sabe quanto é que custou o aparelho, daí trata daquele jeito, e fica tudo estragado, é uma pena. Tem que cuidar mais da casinha do Ponto de Cultura, não deixar a criançada entrar e bagunçar lá dentro. Ter cuidado. Pensar que não é seu, mas de toda comunidade.

CLAUDIONOR: Hoje, uma questão séria que nós estamos enfrentando são os resíduos sólidos. A gente sempre fala em reciclagem, mas como é que eu faço essa reciclagem? Se nós tivéssemos essa associação bem organizada, com certeza, através dela, buscaríamos parceria na prefeitura e outros órgãos de lá, para a gente fazer toda essa coleta de lixo. Através disso também gerava uma pequena renda para a associação. Olha o quanto de lixo que nós trazemos da cidade, o quanto de lixo que nós jogamos nos terreiros das nossas aldeias!

PEDRO (CHEFE E VICE-PRESIDENTE): Quando eu era mais jovem, eu pensava que a roça era uma coisa que os mais velhos faziam e a gente não ia mais fazer. Mas hoje eu vejo as coisas diferentes. Porque a gente não pode só ir na cidade e comprar um frango, comprar uma carne, comprar um arroz, né? Dentro da nossa aldeia a gente tem que comer batata, beiju. De repente a gente começa a comer só as coisas da cidade, daqui a pouco você pega diabetes. No passado quase não tinham pessoas hipertensas na comunidade. Até eu me perguntava: "mas para quê meu pai quer que a gente faça roça?" Mas eles sempre falavam: "a gente tem que ter as coisas da nossa roça para a gente ter mais saúde", e era verdade. Agora eu vejo que a gente tem que ter mesmo um pé de mandioca, um pé de batata. Se você não pega muitas coisas no mercado, você tem a sua mandioquinha, tem para você fazer um beiju. Isso aí é bastante importante.

MARINA (EX-TESOUREIRA): A associação tem que trabalhar com mais planejamento das ações. Hoje a gente vê, por exemplo, que tem um uso descontrolado dos carros. Na época que a gente trabalhou, tinha uma pessoa para ser responsável pelos carros, uma pessoa do Paredão e outra daqui do Cravari. Tinha que ter várias pessoas escolhidas pela comunidade para trabalhar em alguma coisa da associação. Da forma que está, a diretoria acumula muita função e não dá conta de tudo. Claro que, quando tem que falar como representante da associação, teria que ser o presidente mesmo, mas na execução dos trabalhos acho que deveria dividir mais.

GARCIA: Quando envolve dinheiro, sabe como a comunidade é: sempre tem desconfiança. Com todo presidente da associação é assim, você pode prestar contas certinho, mas acho que não acreditam naquilo.... O trabalho na associação é voluntário e se a comunidade vem e pressiona, falando que você fica tirando, aí qualquer um fica chateado e acaba saindo.

DARCI: Quando a desconfiança da comunidade é muito grande, chega um ponto que não dá mais para seguir. Por exemplo, a experiência que os próprios colegas meus já falaram. Aleixo, como presidente já passou por isso, Giovani como presidente já passou por isso, compadre Garcia como presidente já passou por isso. Eu até agora não ouvi falarem da minha família, mas pelo o que eles falaram, no momento em que mexeram com a família deles, aí então eles falaram: "até aqui que eu consigo chegar, daqui para lá não dá mais". Quantas vezes eu já viajei, fazendo trabalho para a comunidade, mas gastando o meu dinheirinho mesmo? Muitos da comunidade começam a falar assim: "Tô desconfiado que ele tá roubando", aí é botar lenha na fogueira, mas eles não têm coragem de chegar em você e falar. Com sinceridade que eu acho que é muito melhor, é melhor chegar e tirar uma dúvida.

MÁRIO: Está faltando transparência no trabalho, e a falta de transparência gera desconfiança, gera um mal estar nas pessoas assim: "o que está acontecendo? Tem tanto de projeto, mas a gente não vê". Aí chega a conclusão: "se a gente não vê nada, o que estão fazendo com esse recurso?". É o que está acontecendo.

DARCI: Existe uma dificuldade em circular a informação aqui dentro. A pessoa que vai numa reunião não vai chegar na comunidade dela e falar: "naquela reunião aconteceu assim. Ficou para fazer dessa forma". Então quando se chega numa reunião grande é a hora que aparece: "fulano participou de tal reunião, mas não passou para nós". Aí vem aquela cobrança.

Uma preocupação constante dos mais velhos é o interesse de jovens, por suas práticas rituais e pela luta por seus direitos no contexto atual.
Foto: André Lopes / OPAN, 2015.

JOÃO OSWALDO: Falta mais articulação política também. Articular para correr atrás de buscar e aliar mais pessoas. Por exemplo, "vamos trocar uma experiência", não tem. Para lutar contra essa política da terra aí, se tivessem pessoas mais articuladas, a gente teria muito mais força também. Através dessa articulação é que você busca a sua organização porque você tem visão, tem conhecimento. Se você não correr atrás das políticas e tentar ser um pouco político, eu acho que fica complicado. É importante buscar conhecimento fora e não ficar só centrado na sua aldeia. Tem que ficar ligado, fazer essa articulação com mais associações seria importante, porque tem outros indígenas muito mais articulados.

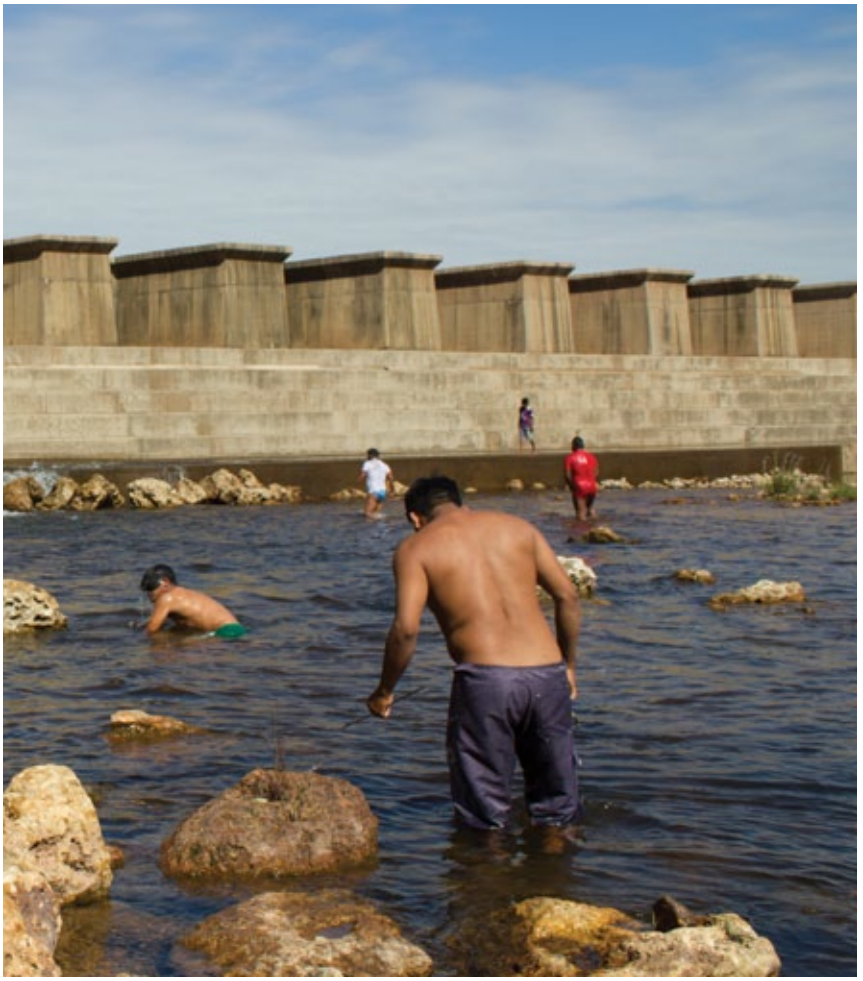
PAULO MARCOS: A política externa também tem que ser fortalecida porque nós, indígenas, estamos tendo que conhecer mais sobre as novas leis que vêm nos apertar, então nós temos que ter essa formação. Para saber chegar nos brancos e falar: "Ó, eu tenho direito disso, disso e disso". Agora se eu não tenho uma formação, chego lá no meio e fico quieto, né?

DARCI: Infelizmente até hoje eu vejo que não tem jovens que pensam "quero estudar para defender os direitos de meu povo". O governo muda as leis do jeito que quer e cada vez mais vai enfraquecendo a população indígena. A Funai, que era um órgão que protegia muito, cada vez mais o governo vai enfraquecendo, vai chegar um ponto que vai ser extinta. Para onde é que nós vamos correr?

JOÃO PAULO (PROFESSOR): Acho que falta interesse dos jovens pela associação. Várias vezes cobram: "cadê os jovens que terminaram o terceiro ano? Não tem ninguém!" A maioria das reuniões não tem jovem, eu não entendo porque eles não vão. Só vão aqueles que trabalham na saúde. Eu acho que eles pensam que não serve pra eles: "Isso não vai servir para o meu futuro". Acho que o objetivo de alguns jovens é alcançar direto aquilo que eles querem realmente. Eles não querem passar por isso, eles acham que realmente vão chegar lá direto, onde eles querem. Mas isso não existe. A gente tem que aprender um pouco de cada coisa até chegar onde a gente quer realmente.

CLAUDIONOR: Para mim não tem associação ideal porque a partir do momento em que ela vai se organizando, ela própria vai descobrindo os caminhos. O povo em si, a cada momento que passa, a cada geração que vem, vai modificando. Na verdade, a adequação acontece conforme o processo da organização, da movimentação do povo, seja ela cultural ou não. Eu falo que nós não temos uma definição para associação como ela tem que ser, mas eu digo que ela tem que ser conforme a política do que nós estamos enfrentando hoje. Então, se nós tivermos essa organização, bem estruturada em todos os sentidos – formação, escritório, tudo –, nós temos tudo para dar certo. Por isso que eu digo

que depende da organização do povo. Não adianta nada nós termos um monte de formação de gestores se não vai contemplar a organização social do povo, nem na própria associação. Enquanto o povo em si não tomar essa decisão, para depois sair, não vai dar certo. A organização não faz parte da nossa cultura, por isso que talvez é um pouco complicado.



PCH Bocaiúva: Entre os muitos desafios a serem enfrentados no caminho estão as atividades realizadas no entorno na Terra Indígena, assim como grandes empreendimentos de infraestrutura, uso abusivo de agrotóxicos pelas fazendas, dentre outras ameaças à paisagem da região.
Foto: André Lopes / OPAN, 2010.

PARA A "GURIZADA" QUE VEM AÍ: COMO DEVE SER O BOM TRABALHO?

A PARTIR DE AGORA, seguem comentários e sugestões dos Manoki para o trabalho na associação. Essa é uma parte que aqueles interessados em contribuir com as comunidades indígenas não podem deixar de ler! Muitas recomendações feitas aqui são importantes para melhorar a atuação não só da Associação Watoholi, mas também para a gestão de organizações comunitárias em outras regiões do país. Interessante notar aqui a importância que as práticas rituais dos Manoki continuam tendo para o bem viver e o bom andamento de tudo, inclusive da associação e seus assuntos específicos.

GIOVANI (EX-PRESIDENTE): Só vivendo e as coisas acontecendo, você não tem uma visão futura, do seu horizonte. Até hoje nunca conversamos sobre o futuro, onde queremos chegar. Eu vejo que cada vez que troca de membro, **a associação tem que ter um horizonte** durante aquele mandato. Cada um tem que ter a sua meta, mas a gente vem simplesmente entrando e levando do jeito que as coisas vão. Precisa conversar, ver o horizonte: eu acho que são coisas que engrandecem a instituição: "em tantos anos vamos chegar aqui, atingir as metas". Precisa de planejamento a longo prazo, mas o que a gente faz é coisa a curto prazo, faz, executa lá e vamos indo. Esse é o estilo de planejamento que nós temos hoje.

PEDRO (CHEFE E VICE-PRESIDENTE): Quando troca de diretoria, os novos começam do zero. A gente não aprende de uma hora para outra. A gente vai aprender depois de um ano, dois anos é que a gente vai pegar o ritmo do trabalho. A pessoa nova que entrar vai apanhar um pouco, mas **quando outras pessoas entram na associação, a diretoria tem que orientar** também. Não pode deixar de orientar, porque esse é um desafio para todos nós lá na frente.

LUCIMAR (AUXILIAR DE ENFERMAGEM): Para melhorar no futuro, **a associação tem que estar sempre envolvida com a comunidade**, fazer projetos de acordo com o que a comunidade quer. Tem que ter uma visão ampla, buscar melhorias, capacitar os jovens e ser autônoma. Tem que saber buscar recurso e conhecimento para trazer pra dentro da aldeia, porque se você ficar só aqui dentro, você não vai ter conhecimento algum. Você não vai saber aonde você pode buscar recurso, quem que você vai procurar. Quem não sai para fora, fica na pedra, vira pedra!

ALEIXO (EX-PRESIDENTE): Eu acho que tem vários projetos que a associação pode adquirir e receber o recurso nela mesmo, com os membros fazendo projeto e encaminhando. Se a gente procurar bem, tem vários projetos que podem ser apoiados. A gente mesmo já contrataria diretamente os profissionais indígenas, ou os profissionais não indígenas também. Tipo a OPAN que tem vários profissionais que ela contrata e que vem trabalhar com a comunidade. **Eu acho que a associação tem essa condição, de trazer os técnicos para trabalharem direto na associação**.

GARCIA (EX-PRESIDENTE): Acho que a associação tem que buscar mais projeto para trabalhar. Principalmente um recurso para gente fazer mais trabalho para o outro lado lá, para gente conseguir lutar pela terra e ver se a gente conseguia ir logo. Porque lá já está tudo detonado, cada ano que passa os fazendeiros vão desmatando mais.Tem que estar por dentro dessas coisas, porque senão fica parado.... **A diretoria tem que seguir mais e acompanhar a política indígena**.

PEDRO: A gente também quer uma compensação das fazendas aqui da região. Porque a gente tem um vizinho aqui perto, por exemplo, que passa veneno com avião e manobra aqui em cima da aldeia. **A gente estava pensando em compensação mesmo, porque o fazendeiro vem aqui, joga veneno dentro da aldeia e vai embora**, né? Então a gente pensou em estar reunido com eles, conversar e ver o que eles respondem para gente sobre isso.

MANOEL (CHEFE E CACIQUE-GERAL): A associação tem que mostrar claramente o que ela e seus gestores estão fazendo de trabalho para a comunidade, **tem que ser bem transparente**.

PEDRO: Para o futuro, nos próximos PBAs a gente quer criar um recurso, **um projeto para a nossa saúde**. Porque nós estamos vendo que a saúde está precária, por exemplo, quando a gente precisa fazer um raio X, um exame rápido...

LOURENÇO (MOTORISTA): Falta reunião para prestar conta porque **quando você é associado, você tem todo o direito de saber o que está acontecendo**. Por mais que seja ruim ou bom, você tem que saber. Nessa parte tem algumas coisas que

é prestado contas, e outras ficam pendentes ainda, essa questão de lavoura mesmo. Quando você pede a prestação de conta, não quer dizer que você está pensando: "Ah, tá roubando, tá desviando recurso". Então a gente pede, mas parece que somos interpretados desse jeito: "O pessoal tá pensando que a gente tá desviando dinheiro", mas não é isso. É um direito de todos os associados.

MARINA (EX-TESOUREIRA): Duas vezes por ano tem que prestar conta, levando tudo na planilha além das notas fiscais também. É importante porque é a hora de esclarecer pra comunidade como foi gasto esses recursos e pra eles tirarem dúvidas também com a gente. É muito comentário quando a gente trabalha com a associação, principalmente quando fala de projeto. Aí **a prestação de contas é o momento da gente mostrar mesmo pra eles como é o trabalho**.

DARCI (PRESIDENTE): Em uma organização eu acho que **tem que ter muito respeito, muita conversa e saber confiar no seu companheiro**. Não adianta eu colocar na mão de outra pessoa e pensar, "mas será que ele vai cuidar desse dinheiro para mim?" Dentro de uma organização não pode existir tanta desconfiança.

LOURENÇO: **Uma coisa importante é a questão da divulgação**. Eu acho que isso muitas vezes falta nesses outros projetos. Vem muito recurso, mas você não tem como provar o que fez. Agora se você tem aqueles banneres, está lá escrito o que fizeram com o recurso. Aquelas atividades aparecem: do pessoal roçando, no mato, comendo. Aí tem como provar que você fez aquilo, mas em muitos projetos parece que a gente não vê, o pessoal esquece de colocar. Aquele projeto do ICMS para mim é uma prova, até hoje tem lá o banner que todo mundo vê as atividades e os apoiadores, para que pudessem concluir o projeto.

PAULO MARCOS (EX-PRESIDENTE): Hoje em dia, **para você escrever um projeto, antes tem que chegar na comunidade, família por família**. O mais certo é ver a ideia de cada uma e conversar: "o que vocês estão pensando em fazer este ano? Qual é o seu foco de trabalho?" Aí, uma vai mexer com abelha, outra pensa em criar galinha, outra família está pensando em criar um tanquinho de peixe, outra família vai fazer horta. Quando juntar todas essas ideias, aí é que você vai escrever o seu projeto.

DARCI: Eu acho que **o presidente não pode ficar parado, tem que andar, tem que visitar o pessoal** e passar algumas informações para eles de como é que está a associação, para eles também conversarem com a gente. A primeira coisa que eu faço é sempre consultar as pessoas, porque é difícil você pegar e querer fazer por conta, você sai queimado.

Para que o trabalho na associação seja realmente bom, ele sempre deve ser acompanhado de oferecimentos e rituais periódicos para os Vizinhos da casa dos homens.
Foto: Edivaldo Mampuche, 2009.

Giovani Tapurá e Sérgio Bruno listam os nomes dos pretendentes aos cargos da diretoria da associação.
Foto: André Lopes / OPAN, 2014.

Crianças da aldeia Treze unidas para o plantio de ramas de mandioca.
Foto: André Lopes / OPAN, 2008.

EDIVALDO (PROFESSOR): Daqui para frente o que falta na associação é essa participação do jovem, de ser inserido, de dividir responsabilidades. Eu acho que falta um pouco de diálogo com as pessoas. A presença da diretoria junto às comunidades tem que acontecer, sabendo conversar e fazendo esse rodízio entre as aldeias. **Trabalhar com formação** também, eu acho uma coisa bastante importante.

GARCIA: Eu não sei de que jeito, mas hoje a associação tinha que segurar esses jovens. Arrumando trabalho para eles, um curso para estimular eles a ficarem aqui com o povo. Daqui a 20, 30 anos, os mais velhos não estarão mais aqui, e se esses jovens saírem todos, quem vai ficar e segurar a terra? A associação, junto com as lideranças, cacique, tinham que pensar **como nós vamos segurar esses jovens dentro da comunidade**. Esse é um desafio pra nós. Muitas vezes eles saem para fora porque lá tem emprego para eles, mesmo em outras comunidades. Muitas vezes eles estudam, formam no terceiro, aí não têm mais o que fazer aqui, e se eles acharem um emprego bom fora, eles vão sair.

MARCELINO: Todos que se envolvem são criticados. Mas **para você trabalhar para um povo tem que ter coração e cabeça**. A cabeça é para você fazer coisas certas, da forma correta e conforme a realidade do povo. O coração é para trabalhar com aquilo que você gosta. Por mais que tenham desconfiança, eu estou fazendo o possível para mostrar a verdade, fazer o trabalho correto. Isso me deixa bem.

ALEIXO: Por sermos um só povo, eu acho que você tem que fortalecer uma associação só. A gente vê outras comunidades que fazem parte de um mesmo povo e começa a se dividir em várias associações. Aí você começa a divisão de recursos para administrar para o seu povo e acaba dividindo e enfraquecendo até o próprio povo porque divide um recurso ali e entra a questão de grupos brigarem porque o recurso está caindo em uma associação, o que enfraquece a união da comunidade. Até hoje, por mais que a gente entre em divergência várias vezes, **a gente sempre visa a associação estar fortalecida** e a gente tem a nossa cultura lá, que é só uma e acho que isso fortalece mais, fazendo com que a gente segure até hoje a nossa associação. Você escuta várias vezes as pessoas das outras comunidades falarem "se não deu certo com uma, vamos fazer outra" e nós não, nós procuramos fortalecer o que nós temos para dar resultado para comunidade. Como nós já somos poucos, se dividir fica uma coisa enfraquecida.

EDIVALDO: É importante articular através da escola algumas festas tradicionais. Isso anima o povo, renova, o pessoal encontra, traz união de volta, esque-

ce o que tem de problema. Sempre é bom fazer isso. **A cultura tem que estar presente**, um momento de distração, senão você fica perdido, você esquece o que tem que fazer, fica voltado só para fora, né? Às vezes eu estou nesse embalo de ficar escrevendo, tem que sair para reunião. Mas de vez em quando eu tenho que ir para o rio, caçar, pescar, senão eu não consigo, perco tudo aquilo que eu deveria aprender, ou acabo esquecendo aquilo que eu sei. Tem que buscar energia da mata, senão você fica perdido.

LUCIMAR: A gente tem a casa do "Vizinho", lá no Cravari, e lá é tudo. A saúde é isso: é festa, é dança, é tudo. Por mais que a gente tenha a nossa religião, a gente pode ser batizado no católico, evangélico, mas o nosso centro forte, onde a gente busca força é lá. Sempre tem que acreditar na própria religião. Pode ser o que for, mas a gente não desacredita nela não. Aquilo lá para nós é onde todo mundo busca força, lá é a nossa vida, não tem jeito. É muito forte, uma coisa assim que não é brincadeira. **É só você ir numa festa tradicional que você volta renovado, volta com energia**. É ali que a gente busca força e por isso até hoje a gente não divide e não vai dividir, pode ter certeza. É por isso que até hoje a gente continua vivo.

MÁRIO (EX-PRESIDENTE): Contar história é justo, está certo, a escola e os professores têm que entrar com história para ver como era interessante, como tinha fartura, como a gente tem que preservar da forma como a gente escuta. Mas se a gente ficar só na história e não colocar isso em prática, a geração vai ficando velha sem ter um rumo certo. Não sabe se ela segue a vida de índio ou se segue a vida de branco. Branco tem a tecnologia, e dentro de segundos você consegue ver pelo mundo afora, é coisa boa e é coisa ruim. Muitas vezes isso influencia em coisa ruim e acaba em fraqueza, por não ter um caminho certo dentro da cultura, deixa se levar por um caminho totalmente errado. E a população já vai enfraquecendo. Então tem que colocar em prática, para viver o que aconteceu 30 anos atrás. E quem pode fazer isso? Quem são os responsáveis por essa prática? É um conjunto de pessoas: o cacique, o vice-cacique, as lideranças, os pais, os professores e, nos dias de hoje, que a gente trabalha e depende muito de recursos financeiros, esses grandes projetos que vêm para o incentivo, pela associação. Esse conjunto que deve colocar esse trabalho em prática. **A associação não pode dar ideia e depois virar as costas e ir embora, tem que vir trabalhar junto, porque ela é um membro da nossa família**. Temos que praticar o que a gente viveu 30 anos atrás e que dava certo, pois assegurava essa população dentro da cultura indígena. Essa é a nossa resistência. Essa é a nossa vida.

COMO A ASSOCIAÇÃO CONTRIBUIU PARA A FORMAÇÃO DOS JOVENS?

PARA CONCLUIR TODA ESSA LONGA "CONVERSA" e encorajar os mais novos a colocarem na prática a sua participação na associação, seguem alguns relatos de jovens que passaram pela diretoria da Watoholi sobre a contribuição que essa experiência de dedicação à comunidade acrescentou em sua formação pessoal.

EDIVALDO (PROFESSOR): O trabalho na associação fez com que eu ficasse mais próximo das pessoas, dos velhos, e me fez entender como ela funcionava, porque para falar a verdade, eu nunca gostei de participar de reunião. Hoje em dia eu ainda não gosto, mas eu sinto que eu tenho que participar para ficar informado das coisas que estão acontecendo. Depois comecei a trabalhar na escola, e aí as coisas foram cada vez melhorando mais. Eu procurava sempre estar presente com o pessoal, não só às vezes na reunião, mas também no trabalho que o pessoal da comunidade faz de roça, construção de casa. Eu sempre quis estar lá presente para cada vez mais as pessoas verem realmente o meu interesse. Eu via que as pessoas escolhiam alguém para trabalhar quando eles viam que a pessoa tinha interesse de estar ajudando a comunidade. Trabalhei sete anos como professor, trabalhei na associação, trabalhei no Ponto de Cultura também. Então a questão de documentação, por exemplo, eu tive pouca dificuldade porque eu também já sabia, já tinha aprendido a fazer. Então hoje sou coordenador, um nível mais acima, mas foi tudo trabalho voluntário que eu tive que fazer lá embaixo, lá atrás, para chegar onde eu cheguei hoje. O trabalho na associação como secretário me ajudou bastante.

GIOVANI (EX-PRESIDENTE): Até hoje a gente consegue buscar junto com as pessoas, com as lideranças, as coisas no caminho correto que dão maior agilidade no nosso trabalho também. Antes da associação, às vezes a gente ia nas pessoas erradas. A associação contribuiu mais na minha formação, mais no meu modo de me expressar. Hoje a gente consegue dialogar com as pessoas, fazer com que elas entendam, conseguindo transmitir tudo isso para as pessoas, independente de quem quer que seja. As coisas vão passando e você não esquece. Aquilo que você aprendeu lá atrás, você usa lá na frente. Então tudo isso só vai enriquecendo, engrandecendo a pessoa. **A associação contribuiu na minha formação pessoal**.

GARCIA (EX-PRESIDENTE): Na associação, aprendi a fazer as cotações de preço. Você vai fazer uma compra ou um projeto, tem que pesquisar preço e ver o que sai mais em conta. Na verdade, é um pouco burocrático, você tem que ter paciência para fazer esse trabalho. Mas isso é uma coisa legal que a gente aprende para vida da gente. Você pesquisa onde você vai gastar menos. **Passar pela associação foi só aprendizado mesmo e o que a gente aprende ninguém tira de nós**.

PAULO MARCOS (EX-PRESIDENTE): Para mim, a associação contribuiu com conhecimento. Na verdade, a gente não parava, ia direto para a cidade, conheci muita coisa. Nós mexemos mais com o jurídico, contabilidade, levar documento, ir nos cartórios... Eu não parava aqui! Era todo dia alguma coisa. Só que daí, nessa época aconteceu uma reunião que teve briga e eu larguei. Eu fui obrigado a sair com aquela confusão, na época eu era jovem, não pensava. Eu pegava e largava tudo de uma vez, não tinha valor nenhum para mim. Se fosse hoje eu não largaria as coisas por bobeira. **Na associação você conhece muita gente**, tanto lá fora como aqui dentro junto com as lideranças. Lá fora você vai conhecer o pessoal dos cartórios, dos comércios, os parceiros, gerente do banco, é daí para lá. Você tem que correr mesmo, ir atrás, porque se você não for atrás, você fica para trás. Então serviu muito para eu ter esse conhecimento.

ADELSON (PROFESSOR): Ajudou muito participar da associação e do Ponto de Cultura. Antes disso eu era outro jovem, não pensavam em muita coisa. Eu pensava mais em coisas assim de festa, de jovem que não quer saber de nada, só quer ir para os torneios. Mas a partir de quando eu comecei a me envolver na comunidade, na associação, no Ponto de Cultura, **eu comecei a me envolver e a melhorar o meu conhecimento**. Comecei a ver aquele mundo lá fora, também como um meio de pensar e ajudar a comunidade. Eu entrei mesmo na associação através do Ponto. Antes eu tinha umas participações, saídas para representar, me chamavam para fazer ata de reunião. Foi desse jeito que eu comecei a me envolver na associação.

Acho que é muito importante o jovem estar envolvido na associação porque muitas vezes a gente pensa: "hoje nós temos uma equipe boa trabalhando, vamos deixar eles", mas se nós estivermos falando isso, a gente vai esquecer que mais para frente, não é mais aquela equipe que vai estar lá. De repente eles ficam mais velhos, cansados de trabalhar e se afastam da associação. Se os jovens de hoje não se interessarem para tentar assumir alguma coisa dentro da associação, vai chegar o tempo em que a gente não vai ter pessoas para trabalhar lá. Hoje a modernidade de fora chega muito forte, então tem vários que dizem: "eu não quero trabalhar nisso, vou embora para a cidade, morar na cidade, vou estudar". Vai e estuda, mas quando volta, na hora que chega uma reunião e oferecem um cargo, aí o pessoal que tem um estudo maior fala "ah, isso não é para mim, eu não quero". Aí enfraquece muito a associação. A comunidade confiou tanto naquele jovem que estudou e quando chega ali, ele não quer assumir. Essa é uma preocupação muito grande da comunidade.

Acho que **estando em projetos da associação a gente também ganha prestígio**. Por exemplo, eu ouvi falar assim: "o Adelson ele é um jovem que sabe muito", então isso é uma coisa muito importante para mim, pra eu saber que tem pessoas que lembram de mim, que me chamam pra fazer uma coisa, por eu já saber desenvolver essas atividades. Filmagem eu também aprendi no Ponto de Cultura, que foi onde eu comecei a me envolver, a ser mais chamado para participar das reuniões. Eu comecei a conseguir falar! Na época eu nem conseguia falar na frente das pessoas, mas perdi essa vergonha. Eu comecei a sair e a solucionar os meus próprios problemas, aí a gente se sente animado, se sente feliz com isso.

MARINA (EX-TESOUREIRA): Depois que trabalhei na associação, comecei a perceber que as pessoas respeitam mais a gente, elas dão mais oportunidade para gente. **O pessoal confia bastante na gente depois que trabalhamos na associação**. Quando nós trabalhamos era só um grupo de jovens, e, de repente, nós nos demos bem em nosso trabalho, um entendia o outro, ajudava o outro. Até as pessoas que duvidavam de nós falavam, mas aí depois que entrou a outra diretoria, eles refletiram sobre o nosso trabalho. Hoje em dia até pedem para gente voltar de novo, para trabalhar. Ao mesmo tempo, é muito puxado o trabalho da associação. Para fazer um trabalho bom para associação andar para frente, tem que se mover, né? Ir para cidade, resolver as coisas, voltar, ir nas outras aldeias... e quando falam mal, o que eles falam é um desafio para gente. No momento que eles falam é a hora da gente mostrar mesmo aquilo que a gente é capaz. Sempre procurando fazer a coisa melhor.

Jovem Manoki se prepara para participar de dança tradicional. Foto: Arquivo OPAN, 2011.

A jovem Karen Graccielle viaja no micro-ônibus da Associação Watoholi voltando de um curso de informática na cidade de Brasnorte.
Foto: André Lopes / OPAN, 2013.

ALEIXO (EX-PRESIDENTE): A associação foi uma das primeiras oportunidades que eu tive, a comunidade e as lideranças tiveram essa confiança em mim. Quando eu peguei, bem dizer eu era uma criança, tinha um pensamento diferente, aí com essa responsabilidade a gente acaba mudando o pensamento, correndo atrás, vendo as necessidades do pessoal. Isso muda bastante o seu jeito de ver. As necessidades da comunidade fizeram eu pensar diferente. Foi uma porta de entrada na comunidade para mostrar que eu sou capaz também, que administrei, apesar de pouco recurso, mas eu consegui deixar a associação do jeito que está: funcionando. Mostrei o meu trabalho e que eu era capaz de fazer um trabalho conjunto, isso era o principal, pedindo opinião, para depois tomar alguma decisão e executar o trabalho.

DARCI (PRESIDENTE): Depois que eu comecei a participar da associação comecei a me entrosar com a comunidade porque antes eu não participava, só ficava com meu pai, eu não saia. Daí eu comecei a participar de reunião, colocar minhas opiniões, falar diretamente para a comunidade. Hoje nós não temos os mais velhos que lutavam por nós quando éramos pequenos, e se nós que somos dessa geração nova agora não tivermos esse mesmo conhecimento que eles tinham e não transmitir para os mais novos, o que será deles, então? Eu gosto de fazer esse tipo de trabalho porque o que eu aprendo lá fora, o que eu ouço nas reuniões, eu passo para os mais novos. Hoje vocês estão estudando, vocês estão aqui tranquilos, mas vocês não sabem o que está acontecendo e o que vai acontecer daqui para frente quando a gente não existir mais. Eles também têm que se preparar para daqui mais uns anos porque quem vai lutar são eles, não é mais a gente. Nós vamos estar no nosso cantinho e são eles que vão ter que lutar para defender a gente.

Crianças na aldeia Paredão brincam durante uma reunião de prestação de contas da Watoholi.
Foto: André Lopes / OPAN, 2014.

Foto: André Lopes/OPAN.

OS ENTREVISTADOS DESTE LIVRO

ENTRE ABRIL E MAIO DE 2015, vários membros e lideranças das comunidades Manoki e da OPAN foram entrevistados. É necessário agradecer com muito carinho a todas essas pessoas que participaram das entrevistas, por sua generosidade e paciência em dedicar seu tempo às perguntas e reflexões compartilhadas durante esse período. A seguir estão os principais responsáveis por dar corpo (e alma) a essas páginas:

ADELSON REALINO IRANCHE:
Professor da aldeia Perdiz, já atuou como coordenador do Ponto de Cultura.

CLAUDIONOR TAMUXI IRANXE:
Professor da aldeia Cravari, era segundo secretário da Associação Watoholi em 2015

DARCI IRANCHE:
Agente indígena de saneamento da aldeia Recanto do Alípio, foi presidente da Associação Watoholi por dois mandatos.

EDIVALDO LOURIVAL MAMPUCHE:
Professor da aldeia Cravari, já atuou na diretoria da Associação Watoholi e foi coordenador do Ponto de Cultura.

GERSON GARCIA QUEZO:
Foi agente indígena de saneamento da aldeia Paredão e presidente da Associação Watoholi.

GIOVANI TAPURÁ:
Foi presidente da Associação Watoholi e já atuou em diversas funções na aldeia Cravari. Hoje é responsável pela coordenação dos trabalhos da lavoura mecanizada.

JOÃO OSVALDO IRANTXE:
Foi auxiliar de enfermagem na aldeia Cravari, onde vive sua família, e atualmente trabalha no pollo Rio Verde, na Terra Indígena Pareci.

JOÃO PAULO KAIOLI:
Professor da aldeia Asa Branca, vive na aldeia Cravari e atuou como primeiro secretário da Associação Watoholi em 2015.

JOSÉ ALEIXO JANAIXI:
Foi presidente da Associação Watoholi e diretor da Escola Estadual Indígena Tapurá. Vive atualmente na aldeia Paredão.

JOSÉ FRANCISCO JOMEXI:
Chefe da aldeia Perdiz e agente indígena de saneamento, já foi membro da diretoria da Associação Watoholi.

LOURENÇO INÁCIO JANÃXI:
Motorista do polo Brasnorte, que atende a saúde indígena na aldeia Cravari.

LUCIMAR KAMUSI WÃZERÃGYRA:
Auxiliar de enfermagem da aldeia Paredão.

MANOEL KANUNXI:
Chefe da aldeia Asa Branca e cacique-geral das comunidades Manoki.

MARCELINO NAPIOCU:
Chefe da aldeia Recanto do Alípio, já foi cacique-geral das comunidades Manoki e tesoureiro da Associação Watoholi em 2015.

MARINA LEUCINDA KAMULU:
Atuou na diretoria da Associação Watoholi e vive na aldeia Cravari.

MÁRIO GILSON NAPULI:
Foi presidente da Associação Watoholi e vive na aldeia Treze de Maio.

PAULO MARCOS TUPXI:
Foi presidente da Associação Watoholi e vive na aldeia Treze de Maio.

PAULO SÉRGIO KAPYNXI:
Chefe da aldeia Cravari e vice-cacique-geral das aldeias manoki.

PEDRO PAULO TAMUXI:
Chefe da aldeia Paredão, foi vice-presidente da Associação Watoholi em 2015.

IVAR LUIZ VENDRUSCOLO BUSATTO:
Coordenador geral da OPAN

ANDRÉ LUÍS LOPES NEVES
Antropólogo e videomaker, realizou as entrevistas e organizou este livro. Trabalha junto ao povo Manoki desde 2008.

“Para mim não tem associação ideal porque a partir do momento em que ela vai se organizando, ela própria vai descobrindo os caminhos. Na verdade, a adequação acontece conforme o processo da organização, da movimentação do povo. Nós não temos uma definição para associação como ela tem que ser, mas ela tem que ser conforme a política do que nós estamos enfrentando hoje. Não adianta nada nós termos um monte de formação de gestores se não vai contemplar a organização social do povo, nem a própria associação”.

Claudionor Tamuxi

9 788567 133164

Realização

Apoio Institucional

Parceiros

Patrocínio